

Além das Fronteiras: Os Mongóis nas Fontes Cristãs (1235-1245)

Beyond Frontiers: the Mongols in Christian Sources (1235-1245)

<https://doi.org/10.26512/rhh.v13i28.54869>

Johnny Taliateli do Couto

<https://orcid.org/0000-0001-5480-9882>

johnnytaliateli@gmail.com

Resumo

O presente estudo analisa alguns dos primeiros relatos latinos sobre os mongóis, anteriores às missões diplomáticas oficiais de Inocêncio IV ao Khanato. Entre as fontes examinadas estão os relatos de frei Juliano, a *Epístola do Lamento Pesaroso* de Mestre Rogério e o testemunho de Pedro da Rússia. Esses documentos evidenciam como distintas regiões e autoridades da Cristandade latina reagiram à ameaça mongólica, articulando práticas de coleta de informações, representação do outro e construção territorial. A partir da mobilidade e da circulação desses agentes, é possível observar como o conceito de fronteira emerge vinculado à territorialidade e à alteridade. Com base em uma abordagem de história conectada, o artigo busca demonstrar que fronteira, circulação e mobilidade constituem dimensões entrelaçadas na construção das categorias de pertencimento e exclusão na Cristandade no período anterior ao Concílio de Lyon de 1245.

Palavras-chave

Mongóis, Fronteira, Cristandade

Abstract

This study analyzes some of the earliest Latin accounts concerning the Mongols, prior to Pope Innocent IV's official diplomatic missions to the Khanate. The sources examined include the reports of Friar Julian, Master Roger's *Epistola in Miserabile Carmen*, and the testimony of Peter of Russia. These documents reveal how different regions and authorities within Christendom responded to the Mongol threat by articulating practices of information gathering, representations of alterity, and territorial constructions. Through the mobility and circulation of these agents, it becomes possible to observe how the concept of frontier emerges in association with both territoriality and the perception of difference. Based on a connected history approach, the article argues that frontier, circulation, and mobility are interwoven dimensions in the formation of categories of belonging and exclusion within Christendom in the period preceding the Council of Lyon in 1245.

Keywords

Mongols, Frontier, Christendom

As incursões militares dos mongóis na Europa, sobretudo a devastação provocada no reino da Hungria, somaram-se a um conjunto de dificuldades enfrentadas pela Igreja na década de 1240. Tanto é que a ameaça dos tártaros foi um dos temas destacados na convocação para o concílio de Lyon, em 1245. Além de enfrentar um inimigo ainda pouco compreendido vindo do Leste, a assembleia conciliar devia deliberar sobre a deposição do imperador Frederico II (1194–1250), então em aberto confronto com a cúria, e discutir os planos para uma nova Cruzada após a perda de Jerusalém para os muçulmanos, em 1244. O cenário era agravado ainda pelo período de vacância da Santa Sé entre 1241 e 1243, que expôs fragilidades institucionais na sucessão papal e paralisou decisões importantes em meio a uma conjuntura delicada. Diante desse quadro – marcado por tensões militares, políticas e espirituais –, a ideia de uma Cristandade em crise ganha contornos mais definidos e ajuda a compreender a convocação conciliar como uma tentativa de restaurar a coesão frente à desordem. A expectativa, portanto, era de que o esforço cristão se tornasse coletivo e coordenado. Prelados e autoridades seculares precisavam ajudar a pensar nas soluções para as adversidades na reunião ecumênica. Aqueles que podiam se apresentar como especialistas em algum dos grandes temas do concílio eram fundamentais, o que deve ter sido o caso de Mestre Rogério (c. 1205–1266), autor da *Epístola do Lamento Pesaroso sobre a Destruição do Reino da Hungria pelos Tártaros*, e foi também o caso do "arcebispo"¹ Pedro da Rússia.

A pesquisa que desenvolvemos aqui insere-se numa perspectiva de História Conectada. Diferentemente de abordagens tradicionais, que adotam uma visão compartimentada por fronteiras políticas ou culturais rígidas, entendemos que a História Conectada oferece uma lente analítica frutífera para o estudo da Idade Média. Essa abordagem busca ultrapassar as delimitações impostas pelas fronteiras nacionais ou imperiais, identificando conexões e interações complexas entre comunidades diversas e frequentemente distantes entre si. O foco não reside em construir uma narrativa teleológica ou eurocêntrica sobre a modernização ou a globalização, mas sim em compreender

¹ Entre aspas, pois há controvérsias sobre a identidade do personagem e à genuinidade da sua posição episcopal. Peter Jackson tem um trabalho sobre o testemunho do "arcebispo" e ali chamou a atenção para como a figura era obscura e inédita antes do seu aparecimento na Europa Ocidental. Jackson concorda com o que foi proposto pelo historiador Antti Ruotsala. O "arcebispo" Pedro seria, portanto, muito provavelmente o bispo de Belgorod. Pela proximidade a Kiev, o bispo devia ter servido desde muito cedo ao sufragâneo do Metropolita de Kiev e de toda a Rússia, o que poderia explicar a maneira como Pedro foi tratado em sua "promoção aparentemente gratuita em fontes ocidentais". JACKSON, Peter. The Testimony of the Russian 'Archbishop' Peter Concerning the Mongols (1244/5): Precious Intelligence or Timely Disinformation? JRAS – Journal of the Royal Asiatic Society, Series 3, 26, 1–2, pp. 65–77, 2016, p. 68.

como fenômenos históricos específicos – tais como mobilidade humana, circulação de informações e bens, e interações culturais e políticas – articulavam territórios e comunidades além das tradicionais fronteiras espaciais e políticas medievais. A adoção dessa perspectiva possibilita captar com maior nitidez como agentes históricos em movimento e sistemas de comunicação contribuíram para configurar as dinâmicas políticas e sociais do período estudado. Nesse sentido, a História Global se afirma sobretudo como método. Marcelo Cândido da Silva salienta que esse método constitui uma ferramenta valiosa especialmente para o estudo das chamadas sociedades antigas – termo preferível ao de “pré-moderno” para indicar sociedades anteriores à globalização. Cândido da Silva alerta ainda para a necessidade de não descartar completamente a escala nacional, apesar das dificuldades em defini-la antes do surgimento dos Estados modernos. O desafio principal reside em evitar abordagens genealógicas que projetam anacronicamente no passado características dos Estados contemporâneos. Assim, o método global aplicado ao estudo das comunidades medievais busca, justamente, identificar os diversos níveis e escalas nas quais elas se formam, transformam e estabelecem interações.²

Essa perspectiva, no entanto, só se tornou plenamente possível graças a uma renovação historiográfica mais ampla, que problematizou as formas de se conceber o espaço na história. Como destaca Marcelo Cândido da Silva, a historiografia tradicional, influenciada pela geografia histórica do século XIX, entendia o espaço como um dado objetivo, mensurável, dividido em quadros territoriais fixos – cidades, dioceses, paróquias – que serviriam de suporte neutro para o desenvolvimento das sociedades. Apenas nas últimas décadas, com a incorporação dos aportes do chamado *spatial turn*, passou-se a considerar que o espaço é fabricado historicamente, e que ele é, ao mesmo tempo, estrutura física e representação simbólica. Essa virada permitiu aos medievalistas perceberem como as comunidades, e não apenas os Estados, constroem suas espacialidades por meio de práticas de apropriação, sacralização, circulação e memória³. O conceito de fronteira, nesse novo horizonte, deixa de ser apenas uma linha cartográfica e passa a ser expressão de relações sociais e de representações compartilhadas do espaço vivido.

2 CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História* (São Paulo), n.179, 2020, p. 6-10.

3 *Ibid.*, p. 7-8.

A polissemia do termo “fronteira”, como discutido por Lucien Febvre, exige atenção redobrada quando aplicado a contextos medievais. O vocábulo conheceu, desde a Idade Média, diversos sentidos: inicialmente, referia-se à frente de combate ou à fachada de construções; apenas com o advento dos Estados modernos, passa a designar uma linha jurídica e política de delimitação territorial. Na Idade Média, termos como *fines*, *confins* ou *metae* expressavam não uma linha precisa, mas uma zona, um espaço liminar, muitas vezes desabitado, de contato ou separação variável. Fronteiras, nesse contexto, não se diferenciavam dos limites apenas em grau, mas representavam concepções ainda distintas. Apenas com o tempo – sobretudo com o advento dos Estados modernos – é que os dois termos passaram a se aproximar semanticamente, fundindo-se no vocabulário político como sinônimos de delimitação territorial. Compreendê-las historicamente, portanto, implica ultrapassar modelos projetivos do Estado-nação e reconhecer sua função simbólica e estratégica nas representações políticas do período.⁴

Argumentamos que o uso do conceito é viável e heurístico, desde que devidamente qualificado e contextualizado. Como se buscará demonstrar ao longo do artigo, algumas fontes cristãs do século XIII evidenciam concepções de território articuladas a comunidades políticas específicas, marcadas por uma percepção de delimitação simultaneamente espacial e simbólica. Não se trata de fronteiras no sentido moderno – como linhas rígidas e fixas associadas à soberania nacional –, mas de fronteiras compreendidas em termos geográficos, sociais e identitários, isto é, num sentido polissêmico.

Conforme analisado por Nora Berend, o caso do rei Bela IV da Hungria é emblemático: ao se referir ao seu reino como “porta da Cristandade” (*si possideretur a Thartharis, esset pro ipsis apertum hostium alias fidei catholicae regiones*⁵), diante da ameaça mongólica, mobiliza uma retórica que territorializa a identidade cristã e atribui à Hungria um papel liminar, defensivo e sacralizado. A formulação, contida em carta enviada ao papado após a invasão de 1241–42, não descreve apenas uma realidade geográfica, mas estrutura uma concepção que associa a Hungria à função de contenção dos inimigos externos da Cristandade. A própria autora utiliza a expressão “ideologia de fronteira” para se referir a esse tipo de construção medieval, que expressa ao mesmo tempo vulnerabilidade e centralidade estratégica – identificável na

4 FEBVRE, Lucien. Fronteira. Terra Brasilis – Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, 20 | 2023. Tradução de Guilherme Ribeiro.

5 [...] se fosse tomada pelos tártaros, [a Hungria] seria, para eles, a porta aberta para as demais regiões da fé católica. BEREND, Nora. Hungary, ‘the Gate of Christendom’. In: ABULAFIA, David; BEREND, Nora. Medieval Frontiers: Concepts and Practices. London and New York: Routledge, 2016, p. 210.

retórica de outras fontes coevas⁶. A mobilidade de certos agentes por vastos territórios, somada a tais representações, permite reconhecer nas fontes analisadas a existência de uma lógica fronteira ativa – não apenas como realidade física, mas como categoria de pensamento político e religioso.

Essa percepção de fronteira enquanto construção simbólica e política não exclui, mas antes complementa, a abordagem conectada que orienta este trabalho. Ao considerar as representações medievais de fronteira como zonas de contato e projeção identitária, torna-se possível integrá-las a uma análise mais ampla dos fluxos de circulação – de pessoas, mensagens, emissários e narrativas – que atravessam essas fronteiras e articulam espaços distintos. As fronteiras, nesse sentido, não são barreiras estáticas, mas zonas permeáveis e dinâmicas, que permitem compreender como comunidades se percebiam e se relacionavam em escalas locais e suprarregionais. É nessa chave que se insere a aplicação da perspectiva da História Conectada, agora retomada.

De acordo com Douki e Minard, uma proposta mais geral da História Conectada é “derrubar a compartimentalização entre histórias nacionais e áreas culturais” a fim de deslindar as interações entre o local e o regional, por um lado, e o suprarregional, por outro. É nesse contexto que, nas abordagens de História Global, observa-se frequentemente uma certa fetichização do paradigma da circulação. No entanto, é preciso explicitar o horizonte social dessas circulações, sem perder de vista as negociações, os modos de apropriação e de recepção⁷. Nosso intuito aqui não é abordar a circulação de mercadorias – um tema em voga nas abordagens globais aplicadas ao medievo –, mas sim o movimento de pessoas e informações por um espaço amplo. Ainda que o recorte adotado esteja restrito às fontes cristãs sobre os mongóis, em uma temporalidade bem delimitada (1235–1245), o escopo espacial por elas mobilizado é significativamente mais amplo.

A escolha acaba por apostar em eventos que poderiam ser caracterizados como “transfronteiriços” e nos seus efeitos simultâneos. Essa perspectiva é adequada ao tema proposto, uma vez que as questões da mobilidade e do intercâmbio são fundamentais para a abordagem. O desafio permanece em lidar com um recorte cronológico relativamente curto, considerando-se os padrões da medievalidade. No entanto, longe de desconsiderar a importância das continuidades históricas, nosso objetivo aqui é justamente apreender as

6 Ibid., pp. 195–215.

7 DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe. Global History, Connected Histories: A Shift of Historiographical Scale? *Revue D'Histoire Moderne & Contemporaine*, Vol. 54-4, N. 5, pp. 7–21, 2007, p. 19–21.

especificidades dessa conjuntura por meio de diferentes olhares, provenientes de agentes que se movem por um espaço amplo e de redes de comunicação que conectam comunidades políticas diversas. Dessa maneira, podemos construir uma História de contato, trocas e conflitos que envolvem a Eurásia num contexto particular.

Um exemplo elucidativo do exposto pode ser a correspondência do papado com a rainha da Geórgia, Rusude. A rainha solicitava ajuda contra os tártaros, ao que o papa respondeu sobre sua felicidade pela manifestação da monarca de se unir à Igreja Romana, apesar de separados por uma vasta distância geográfica e em um momento complicado; o sumo pontífice se referia a algumas dificuldades, a principal era a perseguição de Frederico II na Itália e na Alemanha. De acordo com o teor da carta, enquanto a união à Igreja era motivo de júbilo, o papado compartilhava da tristeza quanto à invasão dos tártaros àquele reino e lembrava que também enfrentava a perseguição de muitos inimigos da fé católica nas regiões da Espanha e da Síria, além daquelas relacionadas com os que abandonaram a fé em Cristo e a Igreja, e que tinham a capacidade de impugná-las com força, referindo-se mais uma vez ao imperador. Ao elencar esses motivos, justificava o porquê de o exército da Igreja não ter auxiliado o reino da Geórgia contra os tártaros e lembrava que, mesmo que tentasse enviar as forças cristãs, os sarracenos que estavam sendo combatidos na Síria teriam impedido. Reforçava no texto que a distância era outro fator de dificuldade para o oferecimento de socorro, num momento em que era preciso atuar em diversas frentes: "pois estamos trabalhando com todas as nossas forças incessantemente na defesa da fé cristã na Itália e nas partes da Síria e Espanha que mencionei"⁸. Na comunicação estabelecida com a rainha da Geórgia, o papa compartilhou informações sobre eventos que ocorriam em diferentes partes da Cristandade e que, embora geograficamente distantes entre si, afetavam o mundo cristão como um todo e seu próprio poder de agir.

Segundo John Joseph Saunders, os estragos causados pelos mongóis na Geórgia e Armênia em 1235-6 pareciam ter como objetivo manter as vias de comunicação abertas com as estepes do norte. Isso visava preparar o terreno para uma ofensiva lançada na Europa em 1236-7. A coesão do reino georgiano foi abalada, resultando em revoltas entre a nobreza e uma disputa pelo trono entre dois pretendentes, ambos chamados David. Essa situação facilitou a

8 Tradução livre de: *qui ad defensionem fidei Christianae in Italia, et dictis Syriae et Hispaniae partibus, sine intermissione totis viribus laboramus*. RAYNALDI, O. *Annales Ecclesiastici Caesaris Baronii*. Colonia Agrippina, 1664f., vol. XXI, ad. An 1240, nº 38.

ocupação mongol. Quanto à Armênia, sua antiga capital, Ani, foi saqueada e sua população massacrada em 1239. Embora tais eventos tenham aparentado uma campanha anticristã, alguns líderes cristãos perceberam que a submissão humilde aos novos senhores do mundo talvez fosse a melhor maneira de escapar dos maus-tratos. Enquanto mantinha contato com a cúria papal, a rainha da Geórgia também enviara uma delegação a Caracórum, a capital do Império Mongol, para apresentar queixas a Ogodai sobre as injustiças cometidas por seus generais. Um líder eclesiástico nestoriano chamado Simeão igualmente protestou contra as violações da liberdade religiosa. Em 1241, ele foi enviado de volta à Armênia com instruções para os comandantes mongóis locais protegerem as igrejas contra perseguições e pilhagens.⁹

Na Rus, a convocação para a rendição foi ignorada; os cronistas mencionam "nuvens de tártaros" que se aproximavam da cidade de Kiev, a qual foi reduzida a cinzas. Alguns chefes russos sobreviventes fugiram para a Polônia e a Hungria, o que, aos olhos dos mongóis, justificava a invasão daqueles reinos. Em relação aos húngaros, eles já haviam sido repreendidos antes disso por conceder asilo aos Cumanos fugitivos. Para Saunders, contudo, a necessidade dos mongóis por áreas de pastagem para seus cavalos tornava imperativa a ocupação da Puszta, a fértil pradaria húngara. Essa região poderia servir como base para a conquista da Europa Ocidental, assim como a planície do Azerbaijão foi o ponto de partida para a conquista do Iraque e do norte da Pérsia.¹⁰

Anteriormente, demonstramos que os conflitos com o imperador Frederico II foram utilizados para negar o socorro à rainha da Geórgia. Mas eles são retomados em diversas outras correspondências papais do período, inclusive no assunto dos mongóis. Apesar de o imperador prometer liderar um ataque aos tártaros, o papado reforçava que eram somente palavras vazias, pois Frederico voltou suas armas contra o "representante de Cristo". É interessante notar na documentação que o rei da Hungria teria feito Frederico saber que estava disposto a submeter a si mesmo e o reino húngaro à autoridade do imperador, desde que ele fosse protegido dos tártaros. Gregório IX aproveitou a questão para pintar Frederico como insensato, pois ele teve a chance de adquirir a supremacia sobre um vasto reino, mas optou por perseguir o

9 SAUNDERS, J. J. *The History of the Mongol Conquests*. New York: Barnes & Noble, Publishers, 1971, p. 78-79.

10 *Ibid.*, p. 83-84.

papa e ocupar algumas de suas cidades e territórios. Teria, assim, deixado escapar uma oportunidade justa de ampliar seu império.¹¹

De toda maneira, a resposta papal ao reino húngaro não deixava de ser bem diferente em relação à oferecida ao reino da Geórgia. O papado concedeu a mesma imunidade e as indulgências que eram concedidas aos que lutavam na Terra Santa, para aqueles que avançassem em defesa da Hungria contra os tártaros. A missão de proclamar a cruz, oferecer indulgências e absolver aqueles que estavam sob censura tinha sido dada ao bispo de Vác. O papado teria estimulado igualmente arcebispos, bispos e outros dignitários eclesiásticos de todo o mundo cristão a motivar as pessoas a levantarem a cruz, pois, em seu entendimento, era evidente que os inimigos não haviam conquistado apenas uma parte do reino da Hungria, mas planejavam destruir todo o mundo cristão. De acordo com a correspondência, com esses estímulos, o rei Bela e seu irmão, Colomano, chegaram a reunir uma força considerável para enfrentar os tártaros, mas foram derrotados, e o exército foi aniquilado. Entre outros, morreram Colomano, o rei dos Rutênios, e diversos prelados, incluindo os arcebispos da Estrigônia e de Kalocsa, e os bispos de Gyor, Transilvânia e Nitra.¹²

Outro elo de ligação para começarmos a construir essa História que lida com uma escala espacial maior são os personagens frei Juliano, Mestre Rogério e Pedro da Rússia. Trata-se de um recorte específico desenvolvido para o presente artigo, inserido no âmbito de uma pesquisa mais ampla, que pretende aprofundar futuramente a análise sobre o tema. Algumas perguntas acabam sendo fundamentais para este ensaio: Como os mongóis são representados nos primeiros relatos e de que maneira essas fontes demonstram a importância da interação com os “outros” para os agentes envolvidos? Essas fontes podem elucidar a existência de fronteiras relacionadas com a noção de território e evidenciar a existência de fronteiras sociais na lógica dos contatos com outros povos? Como a circulação de homens e a mobilidade é importante para os medievais na obtenção de informações?

¹¹ “Insignem tum prae se tulit vecordiam Fridericus, qui cum arrepta regis Belae contra Tartaros clientela amplissimi regni supremum dominium sibi comparare posset, dum in persequendo Gregorio et occupandis aliquot illius urbibus ac locis tempus male collocat, spoliandaeque sua ditione Ecclesiae spe insolescit, idoneam propagandi juste imperii occasionem elabi passus est”. RAYNALDI, O. Annales... op. cit., ad. An 1241, nº 32.

¹² RAYNALDI, O. Annales... op. cit., ad. An 1241, nº 18-20.

Os personagens mencionados são responsáveis por alguns dos primeiros relatos em fontes latinas sobre os mongóis. Articular tais relatos permite, dentro de uma pesquisa maior, compreender a política papal em relação àquele "outro" que veio do Leste, isto é, os mongóis. Então, vejamos bem: antes da famosa viagem de João de Pian del Carpine, o frade franciscano que foi para a Mongólia como embaixador do Papa e que escreveu a *História dos Mongóis*, temos um conjunto de fontes cristãs que trazem relatos sobre aqueles povos. Existiram esses esforços anteriores que buscaram produzir qualquer tipo de conhecimento sobre os denominados tártaros¹³. Para compreender como o papado procede na relação com os mongóis, é necessário lidar com os primeiros relatos em fontes latinas sobre eles, pois era com tal conhecimento reunido que seria possível articular uma missão em termos diplomáticos.

O missionário frei Juliano

Na busca pelas primeiras fontes latinas mais detalhadas sobre os mongóis, chegamos aos relatos do frade dominicano Juliano que, em suas viagens, chegou até a região dos Urais. Tanto ele quanto outro frade chamado Ricardo promoveram missões evangelísticas para a igreja húngara. No entanto, foi Juliano quem colheu rumores durante suas viagens e recebeu um ultimato mongol endereçado ao rei da Hungria, a partir do contato do frade com o príncipe de Suzdal. Convencido de que os mongóis estavam determinados a conquistar o reino, ele escreveu seu relatório para o legado papal na Hungria, o bispo de Perugia. Das cartas de Juliano, só é comumente reproduzido na historiografia um famoso ultimato de Batu em nome do Khan endereçado ao

¹³ "Tártaros" era o nome pelo qual os habitantes da Mongólia eram geralmente conhecidos pelas populações conquistadas, e é assim que são chamados na documentação que utilizamos. O surgimento desses "tártaros" ocorreu tão distante que poucas notícias confiáveis chegavam aos historiadores que escreviam em persa, armênio, árabe ou línguas eslavas. Assim como os famosos viajantes europeus João de Pian del Carpine, Guilherme de Rubruck e Marco Polo, outros historiadores tiveram que reunir tradições orais entre os mongóis e seus povos conquistados para reconstruir a história de seu surgimento, resultando em muitas lendas. Os historiadores muçulmanos, porém, tiveram acesso direto às tradições dos próprios mongóis, que eram mais ricas em detalhes concretos. No início do século XIV, o historiador persa Rashid al-Din (1247-1318) combinou histórias e comentários persas e mongóis anteriores em seu *Compêndio de Crônicas*. Através de seu trabalho, as tradições mongóis de Temüjin (que assumiu o nome imperial de Chinggis, mas foi lido erroneamente pelos primeiros estudiosos europeus como "Genghis") tornaram-se a narrativa predominante sobre as origens dos mongóis. A *História Secreta dos Mongóis*, uma das principais fontes indiretas de Rashid al-Din, escrita em meados do século XIII, mas recuperada apenas no século XX, fez com que essa narrativa mongol se tornasse ainda mais dominante. ATWOOD, Christopher P. *The Rise of the Mongols: Five Chinese Sources*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2021, p. 1. No presente trabalho, será comum o uso tanto de "tártaros" quanto de "mongóis".

rei Bela IV da Hungria¹⁴. No entanto, há muito mais por se verificar em seus escritos.

O monarca húngaro havia enviado frades dominicanos em missão ao leste para encontrar tribos magiares que não migraram para a bacia dos Cárpatos e, portanto, não estavam integradas ao reino húngaro, permanecendo pagãs¹⁵. Um deles, Frei Ricardo, dirigiu seu relato ao papa Gregório IX (1227-1241), no qual ressaltou que quatro dominicanos passaram três anos em uma primeira viagem, mas não tiveram sucesso no contato, exceto por um padre chamado Otto que tinha viajado disfarçado de mercador. Ele reconheceu que se tratava de húngaros pela sua fala e descobriu onde moravam. Tendo retornado à Hungria, explicou a rota a outros, mas acabou morrendo em razão das dificuldades de sua viagem. Outros dominicanos partiram na segunda viagem; os frades deixaram cabelos e barbas crescerem (o objetivo, segundo o relato, era se parecerem com os bárbaros) e mudaram os hábitos regulares para os seculares. Depois de terem ido a Constantinopla, cruzaram o Mar Negro de navio, e embora não especificado, aparentemente seguiram rotas comerciais estabelecidas. Mas somente Juliano chegou ao que chamavam de Grande Hungria.¹⁶

A fonte ressalta que depois de se vestirem como pagãos

[...] viajaram através da Bulgária dos Assanos e da Romênia, com o apoio e despesas do senhor Bela, agora rei da Hungria, até chegarem a Constantinopla. Lá, entraram no mar e navegaram por trinta e três dias até chegarem à terra chamada Cítia, na cidade chamada *Matrica*, cujo líder e povo se diziam cristãos, possuindo escrita e sacerdotes gregos. É dito que o príncipe tem cem esposas; todos os homens raspam completamente a cabeça e cultivam barbas

14 O ultimato, que está inserido no fim da Epístola de Juliano sobre a guerra dos mongóis, foi traduzido, por exemplo, por Peter Jackson ao inglês, que utilizou a edição e tradução de Heinrich Dörrie na obra *Drei Texte zur Geschichte der Ungarn und Mongolen. Die Missionsreisen des fr. Iulianus O.P. ins Ural-Gebiet (1234/5) und nach Rußland (1237) und der Bericht des Erzbischofs Peter über die Tartaren*, *Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, phil.-hist. Klasse* (1956), no. 6. Cf. JACKSON, Peter. *The Mongols and the West, 1221-1410*. London/New York: Routledge, 2005, p. 60-61. O ultimato foi reproduzido na sua versão latina em um artigo fundador de Mary Dienes sobre as missões dos dominicanos húngaros, sem incluir o restante da carta de Juliano. A autora, no entanto, havia traduzido para o inglês a carta de Frei Ricardo. Cf. DIENES, Mary. *Eastern Missions of the Hungarian Dominicans in the First Half of the Thirteenth Century*. *Isis*, Vol. 27, N. 2, pp. 225-241, 1937.

15 A intenção era encontrar a Magna Hungaria, o lar ancestral de onde os antigos húngaros migrou para a Europa Central. É importante se ater a esse detalhe, pois as cartas de Ricardo e Juliano se referem aos habitantes de lá como “húngaros” também.

16 GUZMAN, Gregory G. *European clerical envoys to the Mongols: Reports of Western merchants in Eastern Europe and Central Asia, 1231-1255*. In: *Journal of Medieval History*, vol. 22, n. 1, pp. 53-67, 1996, p. 57.

delicadamente, exceto os nobres, que, como sinal de sua nobreza, deixam alguns cabelos acima da orelha esquerda, raspando o resto da cabeça. Eles permaneceram lá por cinquenta dias, esperando a oportunidade de fazer amizades. Deus, no entanto, concedeu-lhes a graça diante da Senhora, que era a principal entre as cem esposas do rei, de tal forma que ela os abraçou com um afeto maravilhoso e providenciava todas as suas necessidades. Então, indo adiante com o conselho e ajuda da mencionada Senhora, atravessaram o deserto por treze dias, onde não encontraram casas nem pessoas. Chegaram então à terra chamada Alânia, onde cristãos e pagãos coexistem; quantas são as vilas, tantos são os duques, dos quais nenhum presta obediência a outro. Lá, a guerra do líder contra o líder, vila contra vila, é contínua [...]¹⁷.

Alguns detalhes chamam a atenção no trecho acima. Primeiramente, a referência à terra chamada Cítia. Aqui, o território está relacionado a uma região que já fez parte daquela Cítia da Antiguidade, habitada pelos povos citas iranianos. Apesar da associação com uma terminologia mais antiga, a região no tempo do nosso autor não teria uma extensão territorial tão grande. Os missionários chegaram pelo Mar Negro a um lugar que, em nosso mapa atual, corresponde ao *Krai* de Krasnodar, território russo separado da Ucrânia pelo Estreito de Kerch, que liga o Mar Negro ao Mar de Azov. Observa-se que o autor utiliza a terminologia “povo” para se referir aos habitantes e chama a atenção para o fato de que se diziam cristãos, apesar de alguns costumes locais merecerem consideração, como a maneira dos homens cuidarem da aparência e o fato do príncipe ter muitas esposas.

Uma constante nesses documentos é a preocupação dos autores em destacar traços diacríticos no contato com outros povos. À luz da reflexão de Fredrik

17 Tradução livre de: “[...] per Bulgariam Assani et per Romaniam cum ducatu et expensis domini Bele nunc regis Ungarie usque Constantinopolim pervenerunt; ubi intrantes in mare per triginta et tres dies venerunt in terram, que vocatur Sychia, in civitate, que Matrica nuncupatur; quorum dux et populi se christianos dicunt, habentes literas et sacerdotes Grecos. Princeps centum dicitur habere uxores; omnes viri capud omnino radunt et barbas nutriunt delicate, nobilibus exceptis, qui in signum nobilitatis super auriculam sinistram paucos relinquunt capillos, cetera parte capitis tota rasa. Ubi propter societatis spem, quam expectabant, quinquaginta diebus moram fecerunt. Deus autem dedit ipsis gratiam in conspectu domine, que super centum uxores regis maior erat, ita ut mirabili eos amplexaretur affectu, et in omnibus eis necessariis providebat. Inde progressi consilio et adiutorio dicte domine per desertum, ubi nec domos, nec homines invenerunt, diebus tresdecim transiverunt; ibique venerunt in terram, que Alania dicitur, ubi christiani et pagani mixtum manent; quot sunt ville, tot sunt duces, quorum nullus ad alium habet subiectionis respectum. Ibi continua est guerra ducis contra ducem, ville contra villam”. Descriptio itineris prioris fr. Iuliani a fr. Richardo. ARCHIVUM EUROPAE CENTRO-ORIENTALIS. Tomo III, Fasc. 1-3. Budapeste, 1937, p. 22.

Barth¹⁸, estamos diante daquelas fronteiras sociais que não dependem do isolamento geográfico ou da ausência de interação, mas que se estruturam justamente no contato intergrupal, por meio de processos de atribuição e identificação ativa entre os atores sociais. Tais fronteiras – embora possam ter contrapartidas territoriais – dizem respeito, sobretudo, a distinções culturalmente relevantes para os próprios agentes históricos. Nessas fontes, observamos como sinais manifestos de diferenciação (modo de vestir, organização do espaço, comportamentos religiosos) surgem como elementos marcantes nas representações da alteridade. A circulação de pessoas e informações, longe de dissolver tais distinções, reforça sua visibilidade e a necessidade de classificação, de modo que os registros de Ricardo e Juliano acabam por constituir um inventário das diferenças à medida que exploram novas regiões¹⁹.

A primeira viagem de Juliano ocorreu em 1235, tendo ele voltado ao reino húngaro no final de 1236. O relato de Frei Ricardo narra as dificuldades da viagem e algumas localidades pelas quais os dominicanos passaram, até que apenas Juliano restasse para completar a missão. Ricardo relatou que, depois de se estabelecerem na Alânia, dois irmãos foram embora após ouvirem sobre a proximidade dos tártaros e enfrentarem uma grande escassez de alimentos. O terceiro frade, Geraldo, havia ficado enfermo e acabou falecendo na casa de um sarraceno na qual se acomodaram. Para conseguir continuar, Juliano tornou-se servo de um sacerdote sarraceno e de sua esposa, que viajavam para a Grande Bulgária²⁰. De acordo com a descrição, o reino era grande e poderoso, mas todos eram pagãos. Foi em uma cidade dali que o frade encontrou uma mulher que lhe ensinou a rota para encontrar os húngaros pagãos que buscava. Juliano os encontrou em algum lugar perto do rio Volga e ouviu os primeiros relatos sobre os mongóis. Ele encontrou um mensageiro dos tártaros

¹⁸ Fredrik Barth é aqui mobilizado como ferramenta analítica para compreender processos de diferenciação social e manutenção de fronteiras simbólicas no contato entre grupos. Reconhecemos, contudo, que seu texto fundador recebeu críticas importantes por sua ênfase na fronteira como produto de interação estratégica entre atores, o que teria minimizado a atenção a fatores estruturais mais amplos, como diferenças culturais, relações de dominação, desigualdade e coerção. Cf. ERIKSEN, Thomas Hylland. *Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives*. 3 ed. London: Pluto Press, 2010. Apesar disso, a noção barthiana de fronteira social, entendida como uma construção relacional marcada por traços diacríticos culturalmente relevantes, mantém utilidade heurística para a leitura das fontes medievais aqui analisadas.

¹⁹ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 188; 194-195.

²⁰ É interessante observar que, em tal situação de dificuldade, as diferenças religiosas não foram o que mais prevaleceram.

ros que afirmava que o exército deles estava a cinco dias de distância e pretendia avançar contra a Alemanha; no entanto, estavam aguardando outro exército que haviam enviado para a destruição dos persas. Depois de ouvir essas coisas, Juliano decidiu partir, embora convidado a permanecer no local. Ricardo justificou na carta a escolha do frade com duas razões. Primeiro, se aqueles húngaros fossem convidados para a fé cristã naquele momento e aceitassem sua conversão, os reinos intermediários poderiam bloquear todas as estradas no futuro. Segundo, Juliano pensou que, se morresse ou ficasse doente em breve, todo o seu trabalho seria em vão. Ele foi instruído sobre caminhos mais rápidos para o seu retorno e, viajando a cavalo pela Rússia e Polônia, chegou na Hungria. Pela carta é possível verificar o tempo que levou na viagem de volta, pois o texto informa que saiu três dias antes da comemoração do nascimento de São João Batista – 21 de junho de 1236 – e chegou nas portas do reino húngaro no segundo dia após o Natal – 27 de dezembro de 1236²¹.

Juliano acabou empreendendo uma nova viagem no ano seguinte, na qual se concentrou na coleta de informações sobre os mongóis. O frade escreveu um relatório das últimas embaixadas húngaras no Oriente em uma carta endereçada ao bispo de Perugia, que era legado papal. Nós traduzimos o relato no qual ele busca fazer algumas descrições dos mongóis, mesmo das suas prováveis origens. Em sua *Epístola sobre a Guerra dos Mongóis*, ele informa que ao chegar aos confins mais distantes da Rússia, teria aprendido a verdade dos eventos que relatava: “Ó evento lamentável e surpreendente para todos! Os húngaros pagãos, búlgaros e muitos reinos foram destruídos pelos tártaros”²². Depois disso, ele buscou descrever na carta o que seria a origem dos tártaros. Em outro ponto do texto, ele revela que enquanto estavam nas terras da Rússia, tinham percebido que o exército dos tártaros havia sido dividido em quatro partes, sendo que avançavam para conquistar alguns ducados dos rutênios. Ao comentar tais avanços, ressaltou que:

“No entanto, esperando por isso, assim como nos informavam verbalmente os próprios rutênios, húngaros e búlgaros que haviam fugido antes de nós, que com a terra, os rios e os pântanos congelados no próximo inverno, toda

21 Descriptio itineris prioris fr. Iuliani a fr. Richardo, op. cit., p. 21-25.

22 Tradução livre de: “Oy res miseranda et omnibus stupenda! Ungari pagani et Bulgari et regna plurima a Tartaris sunt destructa”. Epistola fr. Iuliani de bello Mongolorum. ARCHIVUM EUROPAE CENTRO-ORIENTALIS. Tomo III, Fasc. 1-3. Budapeste, 1937, p. 35.

a Rússia poderia ser facilmente saqueada por toda a multidão, assim como havia ocorrido com toda a terra dos rutênios”²³.

Pode parecer confuso o fato de o documento mencionar, no mesmo trecho, tanto a Rússia quanto os territórios dos rutênios. Certamente, na época medieval, havia significativas sobreposições geográficas nas definições, pois “rutênios” era um termo utilizado para se referir aos eslavos orientais que habitavam áreas que hoje incluem partes da Ucrânia, Bielorrússia e partes da Rússia. Provavelmente, ao fazer essa distinção, o autor do documento quis caracterizar como “Rússia” a região associada a Kiev. Embora fosse parte do território dos rutênios, essa distinção permitia ao autor diferenciar entre um saque anterior em territórios da Rússia mais oriental e um possível avanço para outras regiões da Rus de Kiev. A menção simultânea à “Rússia” e aos “territórios dos rutênios” não indica, portanto, delimitações político-territoriais rígidas, mas expressa uma percepção espacial contextual, baseada em identidades regionais, redes de poder e experiências recentes de invasão. As fronteiras, para os agentes medievais, aparecem ali como zonas de transição e contato frequentemente formuladas a partir de eventos como conquistas, fugas ou destruições. O relato reflete essa lógica, ao associar os territórios a zonas de vulnerabilidade e possíveis rotas de penetração inimiga. A espacialização do perigo – e não a delimitação de jurisdição – é o que orienta a construção dessas designações.

Juliano seguiu sua abordagem, demonstrando a consciência de que o inverno seria um facilitador para o avanço dos tártaros. Mais para o final da carta, ele escreveu que:

Sobre a grandeza de seu exército, não escrevo mais do que o fato de que eles obrigam todos os soldados de todos os reinos que conquistaram a lutar na frente de batalha. É relatado por muitos de forma segura, e o príncipe de Suzdal me enviou para comunicar ao rei dos húngaros verbalmente, que os tártaros estão constantemente tramando dia e noite como vencer e conquistar o reino dos húngaros cristãos. Eles têm a intenção de vir e conquistar Roma e além de Roma. Portanto, eles enviaram emissários ao rei dos húngaros, que chegaram por via terrestre até o príncipe de Suzdal, e o príncipe recebeu as cartas enviadas ao rei dos húngaros por meio deles. Eu também vi esses emissários com seus acompanhantes. Levei as mencionadas cartas que me foram entregues por Noé, o príncipe de Suzdal, ao rei dos húngaros. As

23 Tradução livre de: “Hoc tamen expectantes sicut ipsi Rutheni, Hungari, Bulgari, qui ante fugerant nobis viva voce ferebant, quod terra fluviis et paludibus in proxima hieme congelatis totam Rusciam toti multitudini sic facile est depredari sicut totam terram Ruthenorum”. Ibid., p. 37.

cartas, no entanto, estavam escritas em letras pagãs e na língua tártara. O rei encontrou muitos que podiam ler essas cartas, mas não encontrou aqueles que as entendessem. Enquanto estávamos passando pela Cumânia, encontramos um pagão que as interpretou para nós²⁴.

O uso da expressão *multitudo* é recorrente em diversos documentos que descrevem o exército tártaro, ressaltando sua dimensão aparentemente inumerável. No trecho em questão, o frade Juliano apresenta uma justificativa para essa caracterização: o exército inclui contingentes provenientes de todos os reinos previamente subjugados. Há, também, uma ênfase clara na ampla difusão do conhecimento a respeito da ameaça mongol – especialmente nos territórios mais orientais, onde se sabia que o próximo alvo seria o reino da Hungria. A menção ao duque de Suzdal, que teria interceptado uma mensagem enviada ao rei húngaro, não apenas confere autoridade ao relato, como reforça a percepção de que os planos de expansão tártaro eram conhecidos e levados a sério. Juliano, por sua vez, não se apoia apenas em relatos de terceiros, mas lembra que ele próprio viu os emissários mongóis. Sua intenção é clara: alertar a hierarquia eclesiástica quanto à iminência de um ataque que não se limitaria ao território húngaro. Como ressalta na conclusão do relato, os pagãos não pretendiam deter-se diante do reino cristão da Hungria; seu objetivo declarado era alcançar Roma e ultrapassá-la. As informações coletadas antecipam, portanto, o risco de uma eventual queda do reino húngaro, o que abriria caminho para a progressão das forças tártaras sobre o restante da Cristandade ocidental.

Juliano e seus colegas dominicanos partiram com uma missão inicialmente evangelística, mas esta mudou quando Juliano se conscientizou do perigo representado pelos tártaros. Apesar das dificuldades enfrentadas durante sua primeira viagem, que alguns de seus irmãos não conseguiram concluir, Juliano decidiu empreender novamente a jornada, percebendo a importância crucial de coletar informações sobre os mongóis. Para isso, a mobilidade era

24 Tradução livre de: “De multitudine autem ipsius exercitus vobis aliquid non scribo nisi quod omnium regnorum, que obtinent, milites ad pugnam aptos compellunt ante se preliari. Fertur a pluribus re certa et dux de Sudal mandavit per me regi Hungariorum viva voce quod nocte dieque consilium habent Tartari, qualiter vincant et obtineant regnum Hungariorum christianorum. Propositum enim habent, ut veniant et expugnent Romam et ultra Romam. Misit ergo legatos ad regem Hungariorum, qui venientes per terram ducis de Sudal et literas regi Hungariorum missas dux ille recepit ab eis et legatos ipsos cum sociis mihi deputatis etiam vidi. Predictas literas a Noe duce de Sudal mihi datas ad regem Hungariorum deportavi. Litere autem scripte sunt literis paganis et lingua tartarica. Unde rex qui eas possint legere multos invenit, sed intelligentes non invenit. Nos autem cum transiremus per Cumaniam, paganum quendam invenimus, qui nobis eas est interpretatus”. Ibid., p. 38.

essencial. Através de sua experiência em viagens para terras distantes, ele conseguia fornecer informações essenciais aos seus senhores, tanto ao rei quanto à Igreja. Mais importante do que suas próprias privações, seu objetivo era alertar seus senhores sobre o perigo iminente vindo do leste e sobre as rotas para futuros viajantes.

Juliano não estava errado sobre o potencial do inimigo em chegar ao reino da Hungria, o que aconteceu alguns anos depois. É interessante notar que o imperador Frederico II acusou o rei Bela IV de negligência diante da ameaça mongol. No entanto, Bela aparentemente havia forjado uma aliança com os búlgaros e os cumanos para resistir. Mesmo assim, ele não conseguiu iniciar a construção de fortificações ao longo das fronteiras russas e polonesas até o início de 1241²⁵. Frederico sabia que o monarca húngaro havia sido abordado por mensageiros e recebido cartas dos tártaros, acusando-o de não ter se preparado apesar das advertências²⁶. No entanto, o próprio imperador estava envolvido em uma guerra contra o papado e foi acusado de favorecer secretamente os tártaros para desestabilizar a autoridade pontifícia. Uma carta papal sugeriu que ele aproveitava as devastações nas fronteiras cristãs para intensificar sua perseguição ao papa²⁷. Os avanços mongóis e os subsequentes saques e destruições no reino húngaro tornaram-se mais um elemento nas disputas internas dentro do mundo cristão.

O lamento de Mestre Rogério

A aliança do rei Bela com os cumanos²⁸ - o monarca os havia recebido na Hungria em 1239 - a fim de resistir, foi motivo de algumas controvérsias no contexto. Ela seria, no *Lamento Pesaroso* de Mestre Rogério, uma das causas da desagregação no reino húngaro que teria permitido o sucesso mongol.

25 JACKSON, Peter. The Mongols... op. cit., p. 61-62.

26 RAYNALDI, O. Annales... op. cit., ad. An 1241, nº 22.

27 [...] dum Tartari fines Christianorum populabantur, majori furore Pontificem persecutus est [...]. Ibid., ad. An 1241, nº 29.

28 Quem eram os cumanos? Vários agrupamentos se uniram na composição tribal Cumana no século XI. Isso incluiu populações turcas, mongóis e iranianas, combinadas ao longo de séculos de migrações que se iniciaram no norte da China. O território da confederação em seu auge, estendia-se do Danúbio ao Rio Irtyx na Sibéria Ocidental e na Ásia Central islâmica. Até as conquistas mongóis no início do século XIII, os cumanos eram a maior potência na estepe eurásiana. Os que migraram para a Hungria, vieram do ramo ocidental da confederação. Embora houve o caso daqueles que buscaram refúgio, a maioria permaneceu na estepe e foi integrada ao Império Mongol. BEREND, Nora. At the Gate of Christendom. Jews, Muslims and 'Pagans' in Medieval Hungary, c. 1000-c. 1300. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 68-70.

Através do seu relato, nota-se que ao chegar as notícias dos mongóis nas fronteiras adjacentes à Rus, a população local passou a ver os cumanos como espiões e a vanguarda dos mongóis, opinião que começou a se espalhar entre os habitantes cristãos do reino. Em razão disso, Kuten, o líder dos cumanos, havia sido mantido sob guarda perto do rei, mas as pessoas clamavam contra ele, pedindo a sua morte. De acordo com a exposição, húngaros e alemães armados invadiram o palácio real para alcançar Kuten, que tentou resistir com alguns homens que estavam com ele. Mas, como uma multidão correu para lá, Kuten e seus homens foram capturados e tiveram suas cabeças cortadas. Isso acabou desencadeando ainda mais problemas durante as invasões. Quando a notícia se espalhou, camponeses húngaros levantaram-se contra os cumanos, que, por sua vez, acabaram se unindo para vingar o seu senhor²⁹. O assunto acabou sendo abordado também na bula *Vocem in excelso*, que registrou informações fornecidas pelo bispo de Vác, que era o legado do rei da Hungria. Ele afirmava ali que o desastre da derrota dos húngaros pelos tártaros não podia ser atribuído aos cumanos que tinham sido “recebidos muito humanamente” no reino. No entanto, eles teriam depois se juntado aos tártaros que invadiram a Hungria, o que para o bispo, levou à revolta na qual Kuten foi assassinado. O evento fez os cumanos desejarem a vingança pelo seu líder³⁰. Rogério acabou por elaborar com mais detalhes em seu *Miserabile Carmen* os problemas que, a seu ver, teriam provocado o distanciamento na relação de Bela com integrantes do seu reino, entre eles, era de suma importância, a questão cumana.

De acordo com Rogério, aproximadamente 40.000 cumanos, sem contar seus servos, buscaram asilo na Hungria em 1239, fugindo dos mongóis. Uma das condições para o asilo foi o batismo de seu khan, Kuten, o que foi aceito pelo líder cumano. Bela recebeu os cumanos nos limites do reino, mas, percebendo que o número de pessoas era muito grande para permanecer naquele lugar, ordenou que um dos seus homens conduzisse os cumanos para o interior do reino, cobrindo as despesas de todos. Eles são representados no relato como um povo duro e selvagem, não acostumado à subordinação. O autor ressaltou que, ao vagarem pela Hungria, os cumanos causaram graves danos, reclamando que, nas disputas envolvendo um húngaro e um cumano, o último era favorecido pela justiça, razão pela qual a situação levou à inimizade

29 Magisteri Rogerii. Epistola in miserabile carmen super destructione regni Hungarie per Tartaros facta / Master Roger's. Epistle to the sorrowful lament upon the destruction of the kingdom of Hungary by the Tatars. Edição bilingue. Tradução e comentários de János M. Bak and Martyn Rady. Budapest/New York: CEU PRESS, 2010.

30 RAYNALDI, O. Annales... op. cit., ad. An 1241, nº 21.

entre o povo e o rei³¹. A ação de Bela para resolver o problema foi distribuir os séquitos cumanos por várias províncias da Hungria, exigindo que permanecessem nas áreas designadas. Nas disputas envolvendo húngaros e cumanos, os *ispáns*³² deviam administrar a mesma justiça para ambos os lados. Como muitos cumanos eram pobres, o clérigo ressaltou que os húngaros conseguiam servos quase de graça entre eles, o que, por um tempo, transformou a condição dos cumanos no reino em uma vantagem³³.

Como vimos, diante do avanço mongol, os húngaros voltaram-se mais uma vez contra os cumanos. Segundo Rogério, acreditava-se que os ataques vinham destes últimos, e não dos tártaros. Essa percepção resultou no assassinato do líder cumano Kuten, fato que desencadeou confrontos entre camponeses húngaros e cumanos em diversas partes do reino³⁴. A reação hostil dos húngaros aos cumanos em meio às invasões mongólicas reforça que as fronteiras sociais persistem apesar – e muitas vezes por causa – da mobilidade e do contato intergrupar. Mesmo compartilhando o território e estando sujeitos à mesma ameaça externa, os cumanos continuavam a ser percebidos como "outros". Para os húngaros, os elementos proto-mongóis da cultura cumana certamente contribuíram para o ódio manifesto, pois, como a própria epístola destacou, os cumanos vagavam pela terra desabitada da Hungria com suas tendas de feltro³⁵, animais de carga e rebanhos³⁶. A morte de Kuten e os

31 Magisteri Rogerii. Epistola... op. cit., cap. 2 e 3.

32 Na Hungria medieval, o termo *ispán* era atribuído a líderes locais, equivalendo ao título latino de *comes* ("conde"). Originalmente usado para designar o chefe de um clã ou de um distrito, na organização territorial húngara, o *ispán* assumiu o papel de governador real responsável por administrar fortalezas ou condados. A partir do século XI, esses condes constituíram importantes oficiais leigos do reino, formando, juntamente com os bispos, o conselho real (*senatus*) que apoiava diretamente o poder régio. ENGEL, Pál. *The Realm of St. Stephen – A History of Medieval Hungary, 895-1526*. Londres/New York: I.B. Tauris, 2001, p. 40.

33 Magisteri Rogerii. Epistola... op. cit., cap. 8.

34 Ibid., cap. 24 e 25.

35 Uma característica encontrada, como se pode ver, em outros povos adeptos do nomadismo pastoral, não apenas nos mongóis. Os nômades utilizavam a lã para criar o tecido de feltro, com o qual construíam suas *gers* – também conhecidas como *iurtas* – que eram cobertas com camadas de feltro. Uma *ger* podia ser facilmente transportada por animais de carga e montada em cerca de uma hora por uma família, oferecendo uma casa espaçosa enquanto a mobilidade era garantida. MAY, Timothy. *The Mongol Empire*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018, p. 4. A mobilidade proporcionada por esse tipo de moradia foi ressaltada no ultimato ao rei da Hungria, encontrado na Epístola de Frei Juliano sobre a Guerra dos Mongóis. Após advertir o rei húngaro por ter recebido os cumanos sob sua proteção, o Khan mongol enfatizou que era mais fácil para os cumanos escaparem de um eventual ataque mongol, pois eles andavam com suas tendas, do que para os húngaros, que viviam em casas, castelos e cidades. Epistola fr. Iuliani de bello Mongolorum... op. cit.

36 Et sic ipsi postea sine offensione cuiusquam cum suis tentoriis fultreis, iumentis, pecoribus terram vacuam Hungarie peragrabant et [...]. Magisteri Rogerii. Epistola... op. cit., cap. 8.

conflitos subsequentes não refletem apenas tensões políticas, mas também a ativação de critérios socialmente relevantes de pertença e exclusão – como aparência, moradia, mobilidade e práticas materiais –, que atuam como traços diacríticos na definição relacional das identidades em jogo. São esses sinais acionados pelos próprios atores sociais que mantêm as fronteiras simbólicas, mesmo quando os grupos interagem cotidianamente³⁷.

Mestre Rogério era, na época do ataque mongol na Hungria, arcediogo de Oradea. Seu título indica ensino superior, mas não há registro sobre onde ele obteve o seu diploma. É possível, de acordo com Bak e Rady, verificar a sua carreira, na qual já foi capelão do cardeal Tiago de Pecorara (c. 1170-1244). Após a retirada dos mongóis da Hungria, Rogério foi para Roma solicitar um novo posto, depois de Oradea ter sido completamente arrasada. Daí se verifica que foi nomeado arcediogo na cidade húngara de Sopron. Ali deve ter escrito sua epístola, pois a dedicou ao seu antigo mestre, o bispo Tiago da Palestrina, que morreu em junho de 1244. No concílio de Lyon, Rogério apareceu a serviço do cardeal João de Toledo. É muito provável que ele tenha exercido alguma influência na formação da política papal em relação aos mongóis, que se tornaram a partir daquele momento objeto de planos missionários e diplomáticos do papado. O salto na carreira talvez decorra daí, pois em 1249, com a morte do arcebispo de Split na Dalmácia, Rogério é nomeado pelo papa Inocêncio IV como o seu sucessor³⁸.

Os primeiros catorze capítulos da epístola abordam a situação política da Hungria anterior ao ataque dos mongóis. Em contraste com muitos outros autores, que frequentemente atribuem as derrotas ou calamidades às faltas e pecados das vítimas³⁹, Rogério busca razões tangíveis para os eventos, centrando-se em questões políticas relacionadas ao rei⁴⁰. Após discutir a política, a maior parte do documento se dedica aos eventos dos anos 1241-1242,

37 BARTH, Fredrik. Grupos... op. cit., p. 188; 195.

38 BAK, János M.; RADY, Martyn. *Magisteri Rogerii*, op. cit., p. XLIII-XLIV.

39 A *Galicia-Volynian Chronicle* oferece uma explicação explicitamente religiosa para as derrotas sofridas pela Rus: “Depois de derrotar os príncipes da Rus por causa dos pecados cometidos pelos cristãos, os tártaros seguiram adiante [...] E Deus, que esperava o arrependimento dos cristãos, fez com que [os tártaros] retornassem para sua terra oriental”. Essa causalidade teológica, comum nos relatos da Cristandade oriental, contrasta com a abordagem adotada por Mestre Rogério, que busca razões de ordem política e estrutural para o colapso húngaro. PERFECKY, George A., trans. and annot. *The Hypatian Codex. Part Two: The Galicia-Volynian Chronicle – An Annotated Translation*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973, p. 30.

40 É o caso dos tópicos nos quais aborda, por exemplo, as razões para inimizade do rei com os seus súditos, sobretudo problemas de Bela com a aristocracia do reino. BAK, János M.; RADY, Martyn. *Magisteri Rogerii*, op. cit., p. XLIV-XLV.

incluindo tópicos que exploram as experiências pessoais de Rogério durante períodos em que estava escondido, em fuga ou cativo. Apesar de ter sido redigido pouco tempo após os eventos, antes de 1244, o texto só foi impresso pela primeira vez no século XV, na crônica húngara de John Thuróczi. Durante os dois séculos e meio subsequentes, o destino do manuscrito permaneceu desconhecido. Existe a possibilidade de que uma cópia da narrativa de Rogério tenha sido preservada na catedral de Oradea até ser incorporada como apêndice na obra de Thuróczi, mas nenhum manuscrito sobreviveu⁴¹.

Rogério descreveu que antes de avançar contra a Hungria, os mongóis destruíram a Rus e a Cumânia:

Assim, quando eles destruíram totalmente e unanimemente Rus' e Cumânia, recuaram por quatro ou cinco dias, deixando intocadas as fronteiras adjacentes à Hungria, para que, ao retornarem, pudessem encontrar alimentos e forragem tanto para si mesmos quanto para seus cavalos, e para que nenhum rumor chegasse aos húngaros sobre eles. Depois de consumirem os mantimentos desses reinos mencionados e decidirem ocupar a Hungria, Batu, seu chefe principal, apressou-se, tendo dispensado sua comitiva, com poucos de seus guerreiros diretamente para o referido Portão Russo, que era o mais próximo do local onde o rei estava reunindo seu exército. Após derrotar as tropas do conde palatino, ele tomou esse portão e passou por ele. O rei Peta dirigiu-se para a Polônia e, depois de matar um dos duques da Polónia e destruir a nobilíssima cidade de Wrocław (Breslávia) em um terrível banho de sangue, ele cruzou com igual crueldade a terra do duque da Morávia, enquanto nenhum outro duque veio em seu auxílio, e apressou-se em direção ao portão da Hungria⁴².

41 Ibid., p. XLI-XLII.

42 Tradução livre de: "Sic autem, quando Rusciam et Comaniam totaliter et unanimiter destruxerunt, retrocedentes ad quattuor vel quinque dietas intacta confinia Hungarie continua dimiserunt, ut, cum reverterentur, tam pro equis, quam pro se victualia invenirent et rumores ad Hungaros minime pervenirent. Cum quidem victualia dictorum regnorum consumpsissent et Hungariam proponerent occupare, Bathus maior dominus dimissa tota familia solus cum suis militibus et non multis ad dictam portam Ruscie, que propior erat ad locum, in quo rex congregabat exercitum, recto tramite properavit et expugnato exercitu comitis palatini eandem portam obtinuit et intravit. Peta rex per Poloniam dirigens gressus suos uno ab ipso de ducibus Polonie interfecto et destructa Wratislavia civitate nobilissima et strage facta mirabili ac in terram ducis Moravie aliis ducibus prestare sibi auxilium nequeuntibus simili crudelitate pervadens ad portam Hungarie festinavit". Em inglês: "So, having entirely and single-mindedly destroyed Rus' and Cumania, they retreated to the distance of four to five days, leaving untouched the borderlands adjacent to Hungary, so that when they returned they would be able to find food and fodder for themselves and their horses and so that no news might reach the Hungarians about them. Once they had exhausted the victuals of the said countries and decided to occupy Hungary, Batu, their leading chief, hastened, having dismissed his retinue, with a few of his

O fato de alguns locais serem referidos como “portões” revela que certas passagens ou regiões eram percebidas como zonas de transição e de vulnerabilidade – espaços liminares entre territórios distintos, mas não necessariamente fronteiras fixas no sentido moderno. A imagem do “portão russo”⁴³, por onde os mongóis teriam entrado no reino da Hungria, e do “portão da Hungria”, acessado a partir da Morávia, aponta para a existência de pontos de referência espacial e político-simbólica na geografia mental do autor. Mais do que indicar limites juridicamente definidos, essas designações funcionavam como marcadores de passagem, de onde emanava a percepção da ameaça e do contato com o “outro”. Atribuir nome e função a esses “portões” era um modo de situar eventos históricos dentro de uma lógica narrativa de violação e defesa, em consonância com as representações fronteiriças da Cristandade no século XIII. No trecho, optamos por traduzir *confinia* como “fronteira”, ciente de que o termo latino poderia igualmente ser vertido como “limite”. No entanto, nossa escolha não se dá por equivalência direta ou cartográfica, mas sim por sua capacidade de expressar a representação simbólica de um espaço liminar, adjacente ao território húngaro, cuja função era tanto defensiva quanto identitária. Conforme argumenta Nora Berend, é fundamental distinguir entre “fronteira” como linha administrativa (*borderline*) e como zona de contato e construção simbólica (*borderland*)⁴⁴. É neste segundo sentido que empregamos o termo aqui, buscando evidenciar como as fontes cristãs articulam o espaço nas bordas da Cristandade não como mera delimitação territorial, mas como local de tensão e perigo. A tradução, portanto, visa preservar essa dimensão interpretativa.

O trecho também evidencia uma tática militar comum nos avanços mongóis: depois de devastarem a Rus e a Cumânia, recuaram estrategicamente por vários dias para evitar que as notícias de seus movimentos alcançassem os húngaros e, certamente, para reabastecer suas provisões. Como era comum em algumas fontes da época, há uma confusão com os nomes; no documento,

warriors straight to the said Russian Gate, which was nearest to the place where the king was assembling his army. After having defeated the troops of the count palatine, he took this gate and passed through it. King Peta directed his steps towards Poland and, having killed one of the dukes of Poland he destroyed the noblest city of Wroclaw in a horrible bloodbath; then he crossed with similar cruelty the land of the duke of Moravia—while no other dukes came to his aid—and hastened to the gate of Hungary”. Magisteri Rogerii. Epistola... op. cit., cap. 20.

43 Esse limite era a Passagem de Verecke, um desfiladeiro na região dos Cárpatos, situado atualmente na Ucrânia.

44 BEREND, Nora. Medievalists and the Notion of the Frontier. The Medieval History Journal, v. 2, n. 1, 1999, p. 68-70.

alguns comandantes mongóis são chamados de "rei", como aconteceu com aquele de nome "Peta". O problema é que não houve um comandante com esse nome entre os mongóis que atacaram a Polônia.

Batu, neto de Chinggis Khan e o líder responsável pela devastação da Hungria, foi descrito no texto escrito por Mestre Rogério como um senhor impiedoso, que, após capturar o Portão Russo, passou a incendiar aldeias sem poupar sexo ou idade. Apesar do comandante continuar suas ações a um dia de distância de Peste, o rei Bela não permitiu que seus homens o enfrentassem. O arcebispo de Kalocsa, Ugolino, reuniu alguns homens contra a ordem do rei para enfrentar os mongóis, mas acabou caindo em uma armadilha. De acordo com Rogério, os mongóis viraram as costas e recuaram até que o arcebispo, os perseguindo, entrou em um pântano. Sobrecarregados por suas armaduras, os homens de Ugolino não foram capazes de atravessar o pântano nem retornar. Os tártaros os mataram com uma chuva de flechas. O arcebispo, no entanto, conseguiu escapar com alguns poucos homens. Dois dias depois, a cidade de Vác, às margens do Danúbio, foi destruída⁴⁵.

Acerca da derrota militar sofrida pelo rei húngaro, Rogério descreveu que Bela buscou reunir apressadamente um exército após o conde palatino⁴⁶ ter sido derrotado pelos mongóis no Portão Russo. O rei assumiu posição em Peste enquanto esperava os contingentes dos seus nobres. Convergiram para a Hungria um total de quatro exércitos mongóis, e aqui notamos uma informação que se relaciona diretamente com aquilo que foi coletado antes na missão do frade Juliano. Quando o monarca passou a se mover com o seu exército armado reunido em Peste, os tártaros se reuniram e recuaram até os húngaros chegarem ao rio chamado Sajó. O exército real atravessou o rio em uma ponte e acampou, acreditava-se que a travessia era improvável a não ser pela ponte, pois o rio era largo e lamacento. Os tártaros acamparam numa planície junto ao rio. A epístola descreve que enquanto o rei tentava encorajar os seus homens para a batalha, os húngaros, confiando em seu número, zombavam de tudo isso. Durante a noite, os mongóis encontraram um vau no rio longe do exército e o atravessaram de modo que ao amanhecer, eles cercaram todo o exército real fazendo chover sobre ele uma tempestade de flechas. Os húngaros tentaram se armar, mas desconcertados, foram incapazes de estabelecer linhas de batalha. Depois de passado um tempo do confronto, os mongóis abriram entre si um ponto de saída onde não atiravam flechas, para os húngaros poderem fugir por esse caminho, o que ocorreu,

45 *Magisteri Rogerii. Epistola...* op. cit., cap. 21 e 22.

46 O palatino era visto como o mais proeminente entre os condes. ENGEL, Pál. *The...* op. cit., p. 40.

muitos desertaram. Outras brechas foram abertas para que mais soldados das forças régias pudessem escapar. Derrotado na famosa Batalha do rio Sajó, o rei conseguiu fugir por não ter sido reconhecido pelos tártaros nos caminhos abertos⁴⁷.

Com a invasão e as derrotas dos cristãos, Rogério também relatou um conjunto de ardis utilizados pelos mongóis nas batalhas. Em uma ocasião, por exemplo, eles enganaram as forças do bispo de Oradea, que comandava um considerável exército a mando do rei. Os tártaros fingiram recuar e, com menos homens, mas muitos cavalos, fizeram marionetes e figuras monstruosas que montaram em seus cavalos sem cavaleiros, como se fossem guerreiros. Quando os cavaleiros fantasmas apareceram de baixo de uma colina em linha de batalha, os húngaros imaginaram que caíram em uma armadilha, viraram-se e fugiram. Com os inimigos em fuga, os mongóis os perseguiram e os mataram, o bispo, entretanto, escapou. Em outro caso, os mongóis encontraram o selo do rei junto ao corpo do chanceler, que teve a cabeça decepada. Utilizando-se do selo real, eles forçaram alguns escriturários húngaros a escreverem cartas falsas e enviarem a nobres e plebeus solicitando que não deixassem as suas casas, pois o rei estaria se preparando para uma breve e grande batalha. O próprio Rogério lamentou que, apesar de ver o contrário ocorrer todos os dias, tenha acreditado na notícia falsa, pois não era possível enviar batedores para averiguar a verdade⁴⁸.

Katalin Szende enfatiza que a aceitação por "nobres e plebeus" do reino das cartas falsas produzidas pelos mongóis atesta que esse meio de comunicação já possuía raízes firmes na Hungria, e, mesmo o inimigo nômade, estava ciente de seu potencial⁴⁹. A aceitação demonstra que existia um certo grau de confiança estabelecido na comunicação política do rei com seus súditos.

A cavalaria húngara enfrentou uma derrota devastadora contra um exército de cavaleiros nômades das estepes. Conforme elucida Jackson, a questão de como isso ocorreu intrigou os contemporâneos no Ocidente. Apesar das crônicas mencionarem um grande número de invasores e compará-los a gafanhotos, a derrota não se limitou apenas ao número de combatentes. Os relatos divergem sobre o tamanho relativo dos exércitos, mas normalmente indicam que o exército de Bela era maior. Os mongóis utilizaram táticas como

47 *Magisteri Rogerii. Epistola...* op. cit., cap. 28.

48 *Ibid.*

49 SZENDE, Katalin. *Trust, Authority, and the Written Word in the Royal Towns of Medieval Hungary*. Turnhout: BREPOLs, 2018, p. 6.

dispersão durante a devastação e um intenso fogo de flechas durante as batalhas, dando a impressão de uma superioridade esmagadora. Eles eram conhecidos por sua mobilidade, sendo relatado que cobriam longas distâncias diariamente em retiradas estratégicas. A disponibilidade de extensos rebanhos de cavalos era evidente, embora as estimativas sobre o número exato de montarias adicionais variem. A disciplina e a habilidade estratégica dos mongóis, combinadas com ataques surpresa e o uso eficaz de terror psicológico, contrastavam com a abordagem mais individualista dos cavaleiros ocidentais. Essas habilidades e táticas adaptativas foram cruciais para suas vitórias sobre exércitos europeus menos flexíveis e mais convencionais⁵⁰.

Mestre Rogério descreve uma série de atrocidades atribuídas aos mongóis, juntamente com as adversidades que enfrentou durante esse período. Segundo observações de János Bak e Martyn Rady, destaca-se o estilo adotado por Mestre Rogério em sua canção fúnebre, onde ele procura provocar as emoções do leitor, buscando despertar compaixão por si mesmo e pelos seus companheiros cristãos. O autor busca incitar o leitor a condenar as crueldades desumanas praticadas pelos mongóis pagãos. Ao contrário do relato de Frei Juliano, Rogério não se propôs a explorar as origens ou os costumes de seus inimigos em sua narrativa. Como o próprio gênero do texto sugere, uma carta de lamento, os temas abordados foram a selvageria e a implacabilidade dos mongóis, por um lado, e o seu sofrimento pessoal, por outro⁵¹.

Na altura da Batalha do Rio Sajó, o contingente de Batu havia sido fortalecido pela chegada da divisão que tinha devastado a Polônia. A tarefa de invadir a Hungria era facilitada pelo fato de pouquíssimas cidades serem protegidas por muralhas ou fortalezas robustas. O próprio rei admitiria isso mais tarde, na esmagadora maioria dos casos, as paredes eram feitas de terra – as famosas “tortas de lama”. Os poucos castelos de pedra estavam concentrados na fronteira com a Áustria, mais a oeste⁵². Nos primeiros meses, os mongóis concentraram suas atenções nas áreas a leste do Danúbio, contudo, no natal de 1241, o rio congelou, permitindo-lhes a travessia para a margem ocidental. A cargo de perseguir o rei Bela, havia ficado Qadan, que acabou não tendo sucesso na empreitada. No fim de 1242, ele se retirou através da

50 JACKSON, Peter. *The Mongols...* op. cit. p. 70-71.

51 BAK, János M.; RADY, Martyn. *Magister Rogerii*, op. cit., p. LI.

52 Aqui, empregamos o termo “fronteira” em sentido descritivo e geográfico, para indicar a região limítrofe ocidental do reino da Hungria, voltada à Áustria. Não se trata de sugerir uma linha de delimitação rígida, mas de designar uma zona de contato frequentemente mencionada nas fontes como região de vigilância militar e de presença castral.

Bósnia e da Sérvia, mas os mongóis queimaram a cidade de Cattaro e saquearam Drivasto e Svai. Foi então que eles se uniram às forças principais lideradas por Batu na Bulgária, à medida que este retornava para o leste em direção à estepe Pônica⁵³.

A explicação convencional para a retirada de Batu e Subedei é que eles receberam a notícia da morte de Ogodei, o que levou os príncipes gerais a retornar à Mongólia para permitir que o *quriltai* escolhesse um novo imperador. No entanto, conforme elucidou Timothy May, há outras interpretações. Alguns argumentam que a escassez de pastagens na Hungria impediu os mongóis de ocupar eficazmente a região. Outros estudiosos sugerem que as guerras contra a Hungria e a Polônia resultaram em perdas significativas para os mongóis. Por fim, alguns afirmam que os mongóis nunca planejaram uma ocupação permanente, preferindo uma abordagem de conquista gradual, na qual devastavam uma área para estabelecer uma zona tampão que protegesse suas novas conquistas entre os Rus e os Dasht-i Kipchak. Independentemente do motivo, é certo que a morte de Ogodei desempenhou um papel importante na decisão⁵⁴.

O “arcebispo” Pedro da Rússia e seu testemunho

Finalmente, vale mencionar o intrigante depoimento do “arcebispo” Pedro da Rússia antes do concílio de Lyon de 1245⁵⁵. Esse testemunho apareceu na *Chronica Majora* de Mateus de Paris. Atento como era aos acontecimentos do seu tempo, a questão dos “tártaros” é abordada várias vezes em sua obra⁵⁶. Mas como observou Peter Jackson, existem apenas quatro cópias manuscritas do *Tractatus*, que são as respostas daquele clérigo russo, para além da versão fornecida na *Chronica Majora*. Jackson demonstra que Mateus parece ter retrabalhado o texto para inserir material de natureza puramente exegética, para oferecer comentários adicionais de sua própria autoria, e para dar mais relevo ao caráter horrível dos invasores, ou seja, introduziu certos elementos de exagero ao retratar os mongóis⁵⁷. Portanto, utilizamos o texto recomendado pelo historiador britânico que veio dos Anais de Burton, editado por Henry Richards Luard.

⁵³ JACKSON, Peter. *The Mongols...* op. cit. p. 64-65.

⁵⁴ MAY, Timothy. *The Mongol...* op. cit., p. 117-118.

⁵⁵ Sobre a possível identidade do personagem e sua identificação como arcebispo, ver a Nota 2.

⁵⁶ Cf. MATEUS DE PARIS. *Chronica majora*. Ed. Henry Richards Luard. Vols. III-V. Londres, 1876-1880.

⁵⁷ JACKSON, Peter. *The Testimony...*, op. cit., p. 66-67.

O documento é intitulado *Exame feito sobre os tártaros em Lyon pelo Senhor Papa* e é bem menor do que os anteriores. O registro corresponde às perguntas dirigidas a Pedro da Rússia e às suas respostas acerca dos mongóis. A identificação do personagem como arcebispo da Rutênia se encontra no próprio texto, conforme podemos notar no trecho que traduzimos a seguir:

Dentre os demais prelados do mundo, veio ao concílio em Lyon um arcebispo russo chamado Pedro, que, conforme afirmavam alguns dos que chegavam ao concílio, não conhecia nem o latim, nem o grego, nem o hebraico, e ainda assim, por meio de um intérprete, apresentou de maneira excelente o Evangelho diante do Senhor Papa. Ele também, convocado separadamente, juntou-se ao Senhor Papa e os demais prelados, e trajando vestes sagradas, embora não da mesma forma que eles, participava ativamente da celebração dos divinos⁵⁸.

A partir disso, o documento corresponde a um exame feito sobre os tártaros no concílio, onde o papa teria perguntado sobre a origem, a maneira de crer, o modo de cultivar, a forma de viver, a coragem, a quantidade, a intenção, a observância de acordos e quanto à recepção de mensageiros. A origem é remontada aos midianitas, que teriam fugido da presença de Gideão até as partes mais distantes do Oriente. Esse Gideão é aquele que aparece no Antigo Testamento da Bíblia, no *Livro dos Juízes*, e que também é mencionado na *Epístola aos Hebreus* no Novo Testamento⁵⁹. Pedro responde que os midianitas teriam se refugiado em um deserto chamado Etreu e que aqueles povos tinham doze líderes, dos quais o mais importante era um chamado Tatarkan. Dele teria originado o nome "tártaros". O frei Juliano também chegou a equiparar os mongóis aos midianitas derrotados por Gideão. Conforme elucidou Jackson, a identificação dos mongóis com os povos bárbaros, cuja chegada tinha sido prevista por Pseudo-Metódio⁶⁰, espalhou-se entre os meios cultos da Europa Latina após a invasão de 1241. A influência metodiana foi incorporada na declaração de Pedro⁶¹.

58 Tradução livre de: "Inter caeteros mundi praelatos venit ad concilium apud Lugdunum archiepiscopus Ruthenus, nomine Petrus, qui, prout quidam asserebant de concilio venientes, neque Latinam neque Graecam neque Hebraicam novit linguam, et tamen per interpretem peroptime coram domino Papa exposuit evangelium. Ipse etiam seorsum vocatus cum domino Papa ceterisque praelatis in divinis, sacris vestibus indutus, sed non eo modo quo ipsi, divinatorum assistebat celebrationi". *Annales monasterii de Burton*. Ed. Henry Richards Luard. In: *Annales Monastici*, 5 vols. Rolls Series, 36, Vol. 1. London, 1864, p. 271-272.

59 BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

60 O autor de um Apocalipse escrito em siríaco por volta do final do século VII d.C.

61 JACKSON, Peter. *The Testimony...*, op. cit., p. 69.

Chinggis foi representado como descendente do personagem Tatarkan que teria dado origem aos “tártatos”. Uma breve descrição foi feita sobre o início das conquistas mongóis até as devastações na Rússia:

[...] A partir dele, descendeu Cliyrcam, que teve três filhos: o nome do primogênito era Tessirican, o nome do segundo era Curthican, e o nome do terceiro era Bathatarcan. Embora estivessem cercados por montanhas altíssimas e praticamente intransponíveis, foram provocados por Curceuzza, sobrinho de Salbatin, senhor de uma grande cidade chamada Ornac. Assim, saíram, o pai e seus três filhos, com uma grande multidão de guerreiros; e após matarem Salbatin e ocuparem a cidade de Ornac, perseguiram Curceuzza, seu sobrinho, por muitas províncias. As províncias que o receberam foram devastadas; entre elas, a Rússia foi devastada em grande parte. Já se passaram 26 anos. Com a morte do pai, os três irmãos se dividiram. Tessirican foi contra os babilônios, Curthican foi contra os turcos, e Bathatarcan permaneceu em Ornac e enviou seus príncipes contra a Rússia, Polônia, Hungria e muitos outros reinos. Estes três, com seus exércitos, agora estão unidos nas partes internas da Síria, e dizem que já se passaram cerca de 34 anos desde que saíram do deserto de Etreu⁶².

Como se pode notar, era comum nos primeiros documentos latinos sobre os mongóis que os nomes dos personagens não correspondessem aos nomes tradicionais. A confusão nesse caso pode ter vindo também do intérprete. “Cliyrcam” referia-se a Chinggis Khan. Quanto aos filhos, a questão se complica, pois embora Chinggis tenha tido vários filhos, quatro são tradicionalmente reconhecidos como herdeiros principais. “Tessirican”, chamado de primogênito, era então Jochi; “Curthican” se referia a Chagatai; e “Bathatarcan” a Ogodei, o que sugere a exclusão de Tolui, o filho mais jovem. Essa associação é possível ao considerar que Jochi esteve associado ao oeste, sendo

62 Tradução livre de: [...] ab illo autem descendit Cliyrcam, qui habuit tres filios, nomen primogeniti Thessirican, nomen secundi Curthican, nomen tertii Bathatarcan. Qui quamvis essent montibus eminentissimis et quasi immeabilibus circumdati, provocati tamen a Curceuzza nepote Salbatin domini cujusdam magnae civitatis quae vocatur Ornac, exierunt, pater scilicet et tres ejus filii, cum magna multitudine armatorum; et interfecto Salbatin, et Ornac civitate ejus occupata, Curceuzam nepotem ejus per multas provincias insecuti sunt. Provincias vero ipsum recipientes devastaverunt; inter quas pro magna parte devastata est Russia. Jam sunt xxvi. anni elapsi. Mortuo vero patre, tres fratres ab invicem sunt divisi. Tessirican autem ivit contra Babylonios, Curthican contra Thurcos, Bathatarcan remansit Ornachi, et misit principes suos contra Russiam, Poloniam, et Hungariam, et alia multa regna. Qui quidem tres cum suis exercitibus modo circa partes intimas Syriae sunt conjuncti, et jam ut dixerunt, transierunt circiter xxxiv. anni ex quo exierunt de deserto Ethreu. Annales monasterii de Burton... op. cit., p. 272-273.

a Babilônia uma referência indireta às terras ocidentais. Chagatai esteve mais envolvido em campanhas nas áreas centrais da Ásia. Ogodei, que se tornou o novo Khan após a morte do pai, faria sentido ser identificado com um território central, no relato de Pedro, identificado como Ornac. Não há maiores informações sobre o obscuro personagem Salbatin, mas a importância da cidade de Ornac na história de origem também aparece nas epístolas de frei Juliano. “Ornac” ou “Hornach” – tal como apareceu em Juliano – seria o nome corrompido para a antiga Urgench, que se refere na verdade à antiga cidade de Gurganj⁶³, capital da Corásmia. Em relação ao trecho final, certamente não era possível que os três estivessem reunidos na Síria naquele momento, pois Jochi já estava morto há bastante tempo e Ogodei havia falecido recentemente, o que demonstra que o autor não tinha ciência desses fatos. O conhecimento da morte de Ogodei chegaria aos latinos a partir da missão de João de Pian del Carpine.

No que diz respeito à forma de crença, Pedro trouxe uma informação convergente com outros autores medievais de que os tártaros acreditavam em um único governante do mundo. Pedro ressaltou que quando enviaram uma embaixada aos Rutenos, “ordenaram que fosse transmitido nestas palavras: Deus e seu filho nos céus, Gengis na terra”⁶⁴. No famoso ultimato de Batu ao rei da Hungria registrado por Frei Juliano, havia algo semelhante: “Eu, Khan, enviado do Rei Celestial, a quem foi dada autoridade sobre a terra para exaltar aqueles que se submetam a mim e para derrubar aqueles que resistem”⁶⁵. Os mongóis acreditavam em um mandato divino que lhes concedia o direito de governar o mundo inteiro. Isso fica mais evidente ainda na resposta de Pedro ao papa em relação à intenção dos tártaros:

Que eles têm a intenção de subjugar o mundo inteiro e que foi insinuado divinamente que devem afligir o mundo inteiro por quarenta anos, menos um, alegando que, assim como antigamente a intervenção divina purificou o mundo pelo dilúvio, da mesma forma, na atual devastação causada por suas mãos, purificarão o mundo pela espada. Também acreditam que terão um encontro difícil com os Romanos e outros Latinos, e para eles é incerto se

⁶³ Para orientação geográfica, corresponde atualmente a Konye-Urgench no norte do Turquemenistão.

⁶⁴ *Annales monasterii de Burton...* op. cit., p. 273.

⁶⁵ Tradução livre de: *Ego Chayn nuncius regis celesti cui dedit potentiam super terram subicientes mihi se exaltare et deprimere adversantes. Epistola fr. Iuliani de bello Mongolorum...* op. cit.

vencerão ou serão vencidos; mas se vencerem, devem dominar todo o mundo.⁶⁶

Com essas informações e a partir de outros detalhes do testemunho de Pedro, Jackson trabalhou com algumas hipóteses bem interessantes. Não há mais informações sobre o destino do "arcebispo" após o concílio de Lyon do que suas atividades antes de sua chegada. Não há como saber se ele permaneceu na Europa Ocidental. Fica a dúvida se ele era um exilado da sua terra natal ou um visitante temporário no Ocidente cumprindo uma missão específica em nome dos conquistadores. Logo, não dá para descartar a possibilidade de que Pedro tenha encontrado emprego com os mongóis, os religiosos que se submetiam eram bem recebidos ali. Em seu testemunho, o clérigo descreve os mongóis como punidores severos de assassinato, adultério, roubo e mentira e insere uma informação que pode soar um tanto estranha ao leitor, afirmava que eles tinham São João Batista como seu guia⁶⁷. Na maneira como transmitia certos detalhes na entrevista, é como se Pedro fornecesse exatamente o material que poderia persuadir o mundo latino a enviar uma missão diplomática aos mongóis para evitar um potencial ataque avassalador. É assim que o *Tractatus* busca induzir o estabelecimento de relações diplomáticas ao mesmo tempo que constrói uma representação da força mongol que serve, inversamente, para intimidar. O uso da imagem de São João Batista, o retrato dos conquistadores como gente que pune aqueles crimes, pode muito bem ser parte de uma tática de retratá-los como bem-intencionados para com os latinos e simpáticos ao cristianismo. Jackson nota que mais exemplos desse tipo de subterfúgio podem ser encontrados em outras fontes. O que Pedro deixou de mencionar é que os mongóis acolhiam positivamente os enviados, visto que interpretavam o envio de uma embaixada como o início do processo de submissão.⁶⁸

Faz sentido que o testemunho se encerre com os tópicos relacionados à observância de acordos e à recepção de mensageiros. Em relação ao primeiro,

66 Tradução livre de: "Quod intendunt totum mundum sibi subjugare, et quod insinuaturn est divinitus, quod debent totum mundum per xl annos uno minus vexare: asserentes quod sicut olim animadversio divina purgavit mundum per diluvium, sic in praesenti ipsorum depopulatione purgabit ipsum mundum per vastationem gladii. Item credunt se habituros durum congressum cum Romanis et eliis Latinis, et est eis ambiguum utrum vincant vel vincantur; quod si vincant, debent dominari toti orbi". *Annales monasterii de Burton...* op. cit., p. 274.

67 [...] Bibentes, prius partem in terram fundunt, in veneratione Creatoris, et dicunt se habere Sanctum Johannem ductorem. *Annales monasterii de Burton...* op. cit., p. 273.

68 JACKSON, Peter. *The Testimony...*, op. cit., p. 72-77.

Pedro ressaltava que sim, os tártaros respeitavam os acordos com quem se entregava a eles voluntariamente, mas não poupavam aqueles que ficavam aguardando os seus ataques⁶⁹. Aqui vemos o retrato intimidador para reforçar que a melhor escolha será sempre o envio de uma embaixada. Quanto aos mensageiros, o clérigo respondeu que os mongóis os recebem de maneira amigável, despacham-nos e os deixam partir⁷⁰. Ele ressaltou também que atravessam rios a cavalo e que ao menos em três lugares preparam embarcações para o mar. No fim, temos uma pequena queixa de que Pedro não deu uma explicação mais completa sobre os feitos dos tártaros⁷¹. Se é possível notar a preocupação da cúria pontifícia para entender se os mongóis recebem bem as embaixadas, pois a questão entrou no rol das perguntas dirigidas ao "arcebispo", observa-se ao mesmo tempo que o interrogado cumpre o papel de pintar um retrato no qual a missão diplomática é necessária, o que se relacionava diretamente com a política papal em relação aos mongóis a partir desse ponto. Um esforço para o contato era necessário.

Considerações finais

Em uma outra epístola de Juliano, sobre a vida dos tártaros, ele informou que um clérigo russo lhe disse que os mongóis eram midianitas, portanto, aqueles que foram derrotados por Gideão, a mesma informação compartilhada pelo "arcebispo" Pedro diante do papa em 1245, apesar dos relatos tomarem alguns rumos diferentes depois no quesito das "origens". Outra informação semelhante nos dois relatos diz respeito às mulheres tártaras. Pedro disse que as mulheres montavam a cavalo, lutavam e atiravam como os homens. Juliano havia escrito o mesmo em sua epístola, adicionando que elas eram mais corajosas do que os homens em combate. Tanto Pedro quanto Juliano estavam mais ou menos de acordo também quanto ao início da expansão dos mongóis. O frade descreveu que após uma vingança contra o sultão da cidade de Ornac, o líder tártaro Gurguta (Chinggis), confiante em suas várias vitórias, iniciou uma campanha militar para subjugar o reino persa. Ele foi ficando mais ousado até querer conquistar todos os reinos do mundo. Em pouco

69 Quod satis observant foedera illis qui se sponte illis tradunt, accipientes ab eis bellatores, artifices ad varias servitutes, nullatenus eis parcentes qui eorum insultus expectant. *Annales monasterii de Burton...* op. cit., p. 274.

70 "Quod benigne eos admittunt, expediunt, et remittunt".

71 *Annales monasterii de Burton...* op. cit., p. 274-275.

tempo "[...] ele conquistou os cinco maiores reinos pagãos. Esses tinham sessenta fortalezas muito poderosas [...]"⁷². O texto então informava que o líder que começou a guerra, Chinggis, morreu, e seu filho, Chayn (Khan), governava em seu lugar e residia na grande cidade de Ornac (Gurganj). O testemunho de Pedro menciona a conquista de Ornac e revela que depois dos mongóis matarem o seu líder, identificado como Salbatin, perseguiram um parente seu por muitas províncias, conquistando ou devastando no caminho, incluindo a Rússia. A diferença em Pedro é que ele menciona três filhos de Gengis, sendo Ogodai aquele que permaneceu em Ornac⁷³. Mesmo que os relatos tomem alguns caminhos diferentes, eles ainda concordavam quanto à natureza de algumas informações.

Comparado aos relatos de Juliano e Pedro, a natureza do texto de Mestre Rogério é muito diferente. Destaca-se como o autor procurou tecer alguns comentários sobre a política do reino húngaro, ressaltando fatores que contribuíram para as desavenças dos súditos com seu rei. Entre esses fatores, a questão cumana era crucial, com a migração forçada desses nômades em razão dos avanços mongóis. No entanto, é importante ressaltar que Rogério buscou justificar algumas das ações do monarca. Para o autor, os problemas internos teriam facilitado o sucesso dos mongóis na Hungria. Ele também se preocupou em relatar o que testemunhou, incluindo um conjunto de estratégias e táticas militares utilizadas pelos mongóis. Além de dedicar seu lamento ao bispo Tiago da Palestrina, a própria trajetória de Rogério, que esteve no concílio de Lyon em 1245, revela que suas informações sobre os mongóis foram compartilhadas com um grande círculo de pessoas. Pesava ainda o fato de ser um sobrevivente, enquanto muitos colegas clérigos pereceram na Hungria.

Os autores das principais fontes mencionadas ao longo deste trabalho são todos viajantes por ofício. No mundo medieval, essas viagens eram obrigatórias para a troca de informações, seja do agente que as comunicava, seja de quem ele despachava para tal. No caso dos religiosos mencionados, eles se moviam para cumprir suas obrigações e precisavam se reportar frequentemente a uma autoridade espiritual superior, a um monarca ou mesmo a Roma, na pessoa do papa. Acreditamos que os relatos dos personagens Juliano, Rogério e Pedro da Rússia fornecem um interessante quadro sobre

72 Tradução livre de: "[...] quinque regna paganorum maxima obtinuit. Que LX. castra fortissima habebant [...]". *Epistola de vita Tartarorum* a fr. Juliano. ARCHIVUM EUROPAE CENTRO-ORIENTALIS. Tomo III, Fasc. 1-3. Budapeste, 1937, p. 46.

73 *Epistola de vita...* op. cit., p. 44-47; *Annales monasterii de Burton...* op. cit.

como diferentes regiões se relacionaram com a “tempestade mongol” e como se iniciou o levantamento de informações acerca daqueles povos. A mobilidade dos agentes foi necessária para a comunicação sobre as informações levantadas, e essa comunicação propiciava a evidência da alteridade. Mesmo que as diferenças com o “outro” fossem pontuadas, ainda havia a crença na necessidade de um maior entendimento sobre aquele outro, o que em alguns casos implicava o estabelecimento de contato. As comunicações políticas entre as diversas autoridades cristãs abordando o tema servem para fortalecer o quadro que, conforme indicado, pode ser melhor observado sob a lente de uma história conectada.

O impulso da primeira missão de Juliano era evangelístico. Ele viajou ao leste com seus irmãos para encontrar o lar ancestral dos húngaros, sabendo que os habitantes da *Magna Hungaria* teriam permanecido no paganismo. O propósito da viagem era a conversão. Ao receber os primeiros relatos sobre os mongóis e ao ver dos seus mensageiros, Juliano percebeu que era preciso coletar mais informações, e foi o que fez na segunda viagem. A maneira como o frade elabora suas cartas demonstra que ele teve muitos informantes que já tiveram contato com os mongóis. Os dados coletados pelo dominicano circularam, principalmente por conta dos destinatários de sua carta. A epístola sobre a guerra dos mongóis foi enviada ao bispo de Pérugia, que era legado da Sé Apostólica. O relato dos avanços mongóis, o ultimato endereçado ao rei da Hungria, tudo revela um senso de urgência. Para ele, os dados coletados precisavam ser do conhecimento de outras autoridades o quanto antes.

Reduzimos o escopo temporal neste trabalho com o intuito de ampliar a dimensão espacial da análise e captar a centralidade da mobilidade e da comunicação nas fontes cristãs latinas do século XIII. A escolha por trabalhar com o conceito de “fronteira” decorre de sua relevância como parte da problemática interpretativa proposta, dado que as fontes frequentemente mobilizam o vocabulário da “terra”, do “reino” e do “território”, ao mesmo tempo em que delineiam zonas de separação e passagem. Contudo, como advertiu Nora Berend⁷⁴, o termo “fronteira” é historicamente carregado de ambivalências, devendo ser aplicado ao medievo com cautela e sempre em diálogo com as formas pelas quais os próprios agentes conceberam seus espaços. Nesse sentido, adotamos fronteira não como linha fixa ou categoria estatal, mas como espaço relacional, construído nas práticas de circulação e diferenciação. A mobilidade de certos atores, como se observa nos relatos de frei Juliano, não

74 BEREND, Nora. “Preface.” In *Medieval Frontiers: Concepts and Practices*, edited by David Abulafia and Nora Berend. London: Routledge, 2002, p. xiii-xiv.

elimina a territorialidade, mas contribui para moldá-la: as fronteiras são formadas, percebidas e tensionadas justamente no movimento. Mobilidade, circulação e territorialidade, longe de serem categorias excludentes, se entrelaçam nas formas pelas quais as fontes estruturam o contato, o deslocamento e a alteridade.

A Bulgária dos assênidas⁷⁵, o território dos rutenos, o portão russo – são termos que, nas fontes aqui analisadas, servem para marcar zonas geográficas relevantes não apenas como referências espaciais, mas como regiões de trânsito, perigo ou ameaça. A noção de território remete, em alguns casos, à associação entre espaço e soberania dinástica; em outros, à representação de comunidades políticas ou culturais. Já os “portões”, tal como aparecem nos relatos de Rogério, funcionam como pontos críticos de passagem e vulnerabilidade, associados aos limites da Hungria e à sua defesa. A salvação do reino, em sua percepção, dependia diretamente da contenção desses pontos de entrada. Essa configuração simbólica e estratégica ajuda a explicar por que, pouco depois, o rei Bela IV evocaria a imagem do reino como “porta da Cristandade”⁷⁶. Essa não foi uma invenção posterior, mas um desdobramento de representações que já circulavam entre os observadores coevos e que expressavam uma concepção de fronteira como zona liminar de identidade e defesa, e não como linha precisa. Os documentos discutidos não ilustram a variedade de modelos de fronteira existentes na Idade Média como um todo – e aqui é preciso evitar generalizações –, mas demonstram com nitidez um modo específico de construção simbólica da fronteira, centrado nas viagens, na Hungria e nos impactos da ameaça mongólica sobre a Cristandade latina. O estudo dessas representações permite compreender como a territorialidade foi articulada a estratégias de comunicação, defesa e identidade religiosa no imaginário cristão do século XIII.

As fontes analisadas revelam que a representação dos mongóis foi articulada, desde os primeiros relatos, por meio de categorias espaciais e sociais que expressavam modos específicos de perceber a alteridade. A territorialização do

⁷⁵ Os “assenidas” formavam a dinastia governante da Bulgária durante o século XIII. João Assen II, que reinou entre 1218 e 1241, consolidou o Segundo Império Búlgaro como a principal potência da Península Balcânica naquele período, especialmente após a vitória na Batalha de Klokotnitsa, em 1230, contra Teodoro Comneno Ducas, déspota do Epiro e autoproclamado imperador bizantino. Seu governo caracterizou-se por uma política diplomática ativa, marcada por alianças dinásticas e militares com o Reino da Hungria e o Império Latino de Constantinopla (fundado pelos cruzados após a Quarta Cruzada, em 1204). João Assen II também oscilou entre aproximações com Roma e a manutenção de vínculos com a Igreja Ortodoxa. Cf. MADGEARU, Alexandru. *The Asanids: The Political and Military History of the Second Bulgarian Empire (1185–1280)*. Leiden/Boston: Brill, 2017, p. 195–227.

⁷⁶ Cf. BEREND, Nora. Hungary, ‘the Gate... op. cit.

discurso cristão aparece tanto na nomeação de regiões e dinastias quanto na identificação de zonas de contato, vulnerabilidade e transição. Essas formas de nomear e narrar implicam em fronteiras que não são meramente físicas, mas também simbólicas e relacionais. A mobilidade dos agentes surge como elemento estruturante da própria construção do saber: é pelo deslocamento que se cruzam territórios e se constroem distinções. A interação com o “outro” e o trânsito por espaços diversos não apenas fornecem informação, mas modelam a percepção do território e reforçam categorias de pertencimento e exclusão, em consonância com as preocupações políticas e religiosas da Cristandade latina no contexto da ameaça mongólica. Nesse sentido, essas fontes não apenas operam *sobre* fronteiras, mas nos permitem vislumbrar aquilo que se constrói *além delas* – nas zonas móveis da representação, da mobilidade e da experiência vivida.

A expansão dos mongóis para o Ocidente afetou tanto a Cristandade Latina quanto o Islã. Há um consenso de que a ascensão dos mongóis provocou um impacto que poderia ser visto, sem exageros, como global⁷⁷, considerando os limites de tal formulação para o período. Mas, apesar dos efeitos das invasões mongóis no mundo latino-cristão, é preciso ter cuidado na hora de medir a importância daqueles avanços para os próprios mongóis. De acordo com Timothy May, a Campanha Ocidental teve dois objetivos principais. O mais importante era criar um reino adequado para os descendentes de Jochi, o filho primogênito de Chinggis. O segundo era subjugar os turcos quipechaques da Estepe Cáspia. Os mongóis também visavam o reino da Bulgária do Volga⁷⁸, que havia rejeitado os termos de submissão dos mongóis. Essa mesma Bulgária tinha atacado o exército de Subedei quando ele retornava do rio Kalka na década de 1220. Embora muita atenção tenha sido dada à conquista dos principados de Rus pelos mongóis e à invasão da Europa, é preciso considerar que essas ações eram secundárias em relação aos seus objetivos mais imediatos.⁷⁹

Por fim, as diversas cartas sobre os tártaros, especialmente aquelas provenientes da documentação papal, revelam como informações eram compartilhadas e retransmitidas entre autoridades de diferentes regiões. Um exemplo elucidativo é a carta enviada à rainha Rusude, da Geórgia, que menciona até

77 A título de exemplo, podemos mencionar como os corasmianos derrotados pelos mongóis foram dispersos, tendo buscado refúgio em várias outras regiões, atuando como mercenários antes de saquearem Jerusalém em 1244 e, conseqüentemente, antes de encontrarem seu fim sob o domínio dos aiúbidas no Egito e na Síria. MAY, Timothy. *The Mongol...* op. cit., p. 107.

78 Não confundir com a Bulgária do Danúbio.

79 MAY, Timothy. *The Mongol...* op. cit., p. 108.

eventos ocorridos na Península Ibérica – evidência da amplitude das redes comunicacionais cristãs. Outras cartas apontam que o conflito entre o papa e o imperador Frederico II era mobilizado como justificativa para a ausência de resposta imediata à ameaça mongólica. De fato, foi somente sob Inocêncio IV que missões mais sistemáticas foram enviadas ao encontro dos tártaros, como a de João de Pian del Carpine. Era necessário compreender quem eram aqueles povos, mas também traduzir sua existência em categorias inteligíveis aos olhos do Ocidente latino. Embora os clamores da Hungria remontem à devastação de 1241–1242, foi apenas após quase dois anos de vacância papal (1241–1243) que a cúria pôde formular uma resposta mais coordenada. A chegada dos mongóis às portas da Cristandade, em meio à instabilidade da Santa Sé e à tensão com o imperador, contribuiu para que aquele momento fosse visto como tempo de desordem e juízo. Nesse contexto, as cartas, os relatos e os testemunhos analisados não apenas informam sobre o outro, mas organizam o espaço e o tempo da Cristandade diante da crise – transformando deslocamentos, encontros e ameaças em discurso político e religioso.

Referências

Fontes

Annales monasterii de Burton. Ed. Henry Richards Luard. In: *Annales Monastici*, 5 vols. Rolls Series, 36, Vol. 1. London, 1864.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

Descriptio itineris prioris fr. Iuliani a fr. Richardo. ARCHIVUM EUROPAE CENTRO-ORIENTALIS. Tomo III, Fasc. 1-3. Budapeste, 1937, p. 21-25.

Epistola fr. Iuliani de bello Mongolorum. ARCHIVUM EUROPAE CENTRO-ORIENTALIS. Tomo III, Fasc. 1-3. Budapeste, 1937, p. 35-39.

Epistola de vita Tartarorum a fr. Iuliano. ARCHIVUM EUROPAE CENTRO-ORIENTALIS. Tomo III, Fasc. 1-3. Budapeste, 1937, p. 44-47.

Magisteri Rogerii. *Epistola in miserabile carmen super destructione regni Hungarie per Tartaros facta* / Master Roger's. Epistle to the sorrowful lament upon the destruction of the kingdom of Hungary by the Tatars. Edição bilíngue. Tradução e comentários de János M. Bak and Martyn Rady. Budapest/New York: CEU PRESS, 2010.

MATEUS DE PARIS. *Chronica majora*. Ed. Henry Richards Luard. Vols. III-V. Londres, 1876-1880.

PERFECKY, George A., trans. and annot. *The Hypatian Codex. Part Two: The Galicia-Volynian Chronicle – An Annotated Translation*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.

RAYNALDI, O. *Annales Ecclesiastici Caesaris Baronii*. Colonia Agrippina, 1664f., vol. XXI.

Bibliografia

ABULAFIA, David; BEREND, Nora. *Medieval Frontiers: Concepts and Practices*. London and New York: Routledge, 2016.

ATWOOD, Christopher P. *The Rise of the Mongols: Five Chinese Sources*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2021.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BEREND, Nora. *At the Gate of Christendom. Jews, Muslims and ‘Pagans’ in Medieval Hungary, c. 1000-c. 1300*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BEREND, Nora. *Medievalists and the Notion of the Frontier*. *The Medieval History Journal*, v. 2, n. 1, 1999, p. 68-70.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História* (São Paulo), n.179, 2020. Disponível em: < <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160970> >. Acesso em fevereiro de 2024.

DIENES, Mary. Eastern Missions of the Hungarian Dominicans in the First Half of the Thirteenth Century. *Isis*, Vol. 27, N. 2, pp. 225-241, 1937. Disponível em: < <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/347242?journalCode=isis> >. Acesso em maio de 2024.

DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe. Global History, Connected Histories: A Shift of Historiographical Scale? *Revue D'Histoire Moderne & Contemporaine*, Vol. 54-4, N. 5, pp. 7-21, 2007. Disponível em <https://www.cairn-int.info/article-E_RHMC_545_0007--global-history-connected-histories.htm>. Acesso em abril de 2024.

ENGEL, Pál. *The Realm of St. Stephen – A History of Medieval Hungary*, 895-1526. Londres/New York: I.B. Tauris, 2001.

ERIKSEN, Thomas Hylland. *Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives*. 3 ed. London: Pluto Press, 2010.

FEBVRE, Lucien. Fronteira. *Terra Brasilis – Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, 20 | 2023. Tradução de Guilherme Ribeiro. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/14948>>. Acesso em maio de 2025.

GUZMAN, Gregory G. European clerical envoys to the Mongols: Reports of Western merchants in Eastern Europe and Central Asia, 1231-1255. In: *Journal of Medieval History*, vol. 22, n. 1, pp. 53-67, 1996. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0304418196000085>>. Acesso em abril de 2024.

JACKSON, Peter. *The Mongols and the West*, 1221-1410. London/New York: Routledge, 2005.

JACKSON, Peter. The Testimony of the Russian ‘Archbishop’ Peter Concerning the Mongols (1244/5): Precious Intelligence or Timely Disinformation? *JRAS – Journal of the Royal Asiatic Society*, Series 3, 26, 1-2, pp. 65-77, 2016. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-the-royal-asiatic-society/article/abs/testimony-of-the-russian-archbishop-peter-concerning-the-mongols-12445-precious-intelligence-or-timely-disinformation1/E113AF622376EF8451502A58207E869E>>. Acesso em abril de 2024.

MADGEARU, Alexandru. *The Asanids: The Political and Military History of the Second Bulgarian Empire (1185–1280)*. Leiden/Boston: Brill, 2017.

MAY, Timothy. *The Mongol Empire*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.

SAUNDERS, J. J. *The History of the Mongol Conquests*. New York: Barnes & Noble, Publishers, 1971.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, Vol. 31, N. 03, pp. 735-762, 1997. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/modern-asian-studies/article/abs/connected-histories-notes-towards-a-reconfiguration-of-early-modern-eurasia/994952F5EFC854AFA7CF0D7DB6A88925>>. Acesso em março de 2024.

SZENDE, Katalin. *Trust, Authority, and the Written Word in the Royal Towns of Medieval Hungary*. Turnhout: BREPOLs, 2018.

Recebido em 19 de julho de 2024
Aprovado em 05 de agosto de 2025